

UFRRJ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO – IE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGPSI

DISSERTAÇÃO

**Esquemas Iniciais Desadaptativos e Modos Esquemáticos em mulheres
vítimas de violência doméstica**

Carolina Miranda Backx Toledo

2021



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO – IE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGPSI**

**ESQUEMAS INICIAIS DESADAPTATIVOS E MODOS ESQUEMÁTICOS EM
MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

CAROLINA MIRANDA BACKX TOLEDO

Sob a Orientação da Professora:

Ana Cláudia de Azevedo Peixoto

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Seropédica, RJ
Dezembro de 2021

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central /Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

T649e Toledo, Carolina Miranda Backx, 1983-
Esquemas Iniciais Desadaptativos e Modos
Esquemáticos em mulheres vítimas de violência
doméstica / Carolina Miranda Backx Toledo. - Rio de
Janeiro, 2021.
106 f.

Orientadora: Ana Cláudia de Azevedo Peixoto.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em
Psicologia - PPGPSI, 2021.

1. Violência doméstica contra mulher. 2. Esquemas
Iniciais Desadaptativos. 3. Modos Esquemáticos. I.
Peixoto, Ana Cláudia de Azevedo, 1973-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Programa de Pós-graduação em Psicologia - PPGPSI III.
Titulo.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior –Brasil (CAPES) –Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível
Superior –Brasil (CAPES) –Finance Code 001.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DEPARTº DE PSICOLOGIA E ORIENTAÇÃO



TERMO Nº 88/2022 - DeptPO (12.28.01.00.00.00.23)

Nº do Protocolo: 23083.006934/2022-00

Seropédica-RJ, 04 de fevereiro de 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
ANEXO À DELIBERAÇÃO Nº 001, DE 30 DE JUNHO DE 2020

CAROLINA MIRANDA BACKX TOLEDO

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre(a), no Programa de Pós Graduação em Psicologia, Área de Concentração em Tratamento e prevenção psicológica. Título: "ESQUEMAS INICIAIS DESADAPTATIVOS E MODOS ESQUEMÁTICOS EM MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA".

DISSERTAÇÃO APROVADA EM: 17/12/2021

Conforme deliberação número 001/2020 da PROPPG, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de assinaturas, através do SIPAC, ou do Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e neste caso a folha com a assinatura deve constar como anexo ao final da dissertação.

Membros da banca:

Profª. Dra. Ana Cláudia de Azevedo Peixoto (Orientadora, Presidente da banca)

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Profª. Dr.º Wanderson Fernandes de Souza

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Profª Drª Denise Faleke

(Universidade do Vale do Rio dos Sinos)

Documento não acessível publicamente

11/02/2022 09:59

<https://mail-attachment.googleusercontent.com/attachment/u/0/?ui=2&ik=6276489df4&attid=0.1&permmsgid=msg-f:1724406...>

(Assinado digitalmente em 04/02/2022 15:30)

ANA CLAUDIA DE AZEVEDO PEIXOTO

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptPO (12.28.01.00.00.00.23)
Matricula: 1808252

(Assinado digitalmente em 04/02/2022 15:32)

WANDERSON FERNANDES DE SOUZA

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptPO (12.28.01.00.00.00.23)
Matricula: 1868924

(Assinado digitalmente em 04/02/2022 18:21)

DENISE FALCKE

ASSINANTE EXTERNO
CPF: 712.715.700-68

(Assinado digitalmente em 04/02/2022 15:41)

CAROLINA MIRANDA BACKX TOLEDO

DISCENTE
Matricula: 20191007228

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp>
informando seu número: **88**, ano: **2022**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **04/02/2022** e o código de
verificação: **2e1f376e8a**

Dedico esse trabalho a todas as “Marias”
vítimas de violência doméstica, em especial
aquelas que gentilmente me confiaram suas
histórias e contribuíram com essa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Obrigada, meu Deus, por chegar até aqui. Obrigada por estar comigo, me sustentar nessa jornada, não me deixar faltar fé e esperança mesmo nos momentos mais difíceis.

Gratidão ao meu filho Miguel, meu amor, minha inspiração, minha força para seguir. Quero um mundo melhor e menos violento para você, meu lindo.

Não tenho palavras para agradecer meu esposo, Edson, meu maior incentivador, meu suporte, minha base, por todo o tempo e amor dedicados ao nosso filho todas as vezes que precisei estar muito ausente para me dedicar ao mestrado. Gratidão sempre.

Agradeço à minha mãe, Odilea, que sempre se esforçou para que estudássemos. Nossa vida foi difícil, mas ela não abriu mão de nos oferecer o melhor possível nos estudos. Vou ser Mestre, mãe! Conseguimos! Valeu a pena!

Agradeço ao meu pai, Lucas, por ser modelo para mim de dedicação e aplicação nos estudos, continuamente aprendendo e desbravando algo novo.

Agradeço ao meu irmão, Júlio, por me ensinar a resiliência e o empreendedorismo. A conquista, de fato, “não é para amadores”, não foi fácil chegar até aqui, irmão.

Gratidão à minha orientadora, Prof^a Dr^a Ana Cláudia Peixoto, por todo o tempo e orientação dedicados. Obrigada por confiar e topou ir comigo na temática da violência contra a mulher.

Meu muito obrigada às meninas mais lindas e gentis que compõem nosso grupo de supervisão: Elisângela, Gabi Brás, Gabi Ramalho, Grazi, Francilene, Illana, Karol, Luana, Sandra e, ao nosso menino do grupo, Sil Farney. É bom demais poder contar com vocês!

Gratidão à Prof^a Dra Denise Falcke e ao Prof. Dr. Wanderson Fernandes Souza, que gentilmente leram minha pesquisa, compuseram a minha banca e me deram instruções muito valiosas. Bom demais poder contar com a avaliação de vocês!

Obrigada, de todo meu coração, às mulheres e psicólogas incríveis que encontrei ao longo da minha formação e que, de alguma maneira, me ensinaram, me inspiraram, me incentivaram e/ou foram um colo quentinho e reparador para mim ao longo da minha formação. Amo todas: Andréa Lucena, Cíntia Macedo, Fernanda Gonçalves, Flaviany Ribeiro, Jessye Cantini, Lili Amparo, Luciana Pereira e Sônia Ambrozino.

Às estagiárias mais incríveis que me auxiliaram na transcrição das entrevistas, Cris e Thayná, muito obrigada!

O que dizer a todas as técnicas do CEAM-NI? As únicas palavras que me vem à mente cada vez que penso em vocês são: sororidade e gratidão. Vocês me ajudaram a tornar possível essa pesquisa.

Meu muitíssimo obrigada, mais que especial, a cada mulher que participou dessa pesquisa e me confiou sua história. Juntas por uma sociedade menos violenta para as mulheres!

Maria, Maria

É um dom, uma certa magia,

Uma força que nos alerta

Uma mulher que merece viver e amar

Como outra qualquer do planeta

Maria, Maria

É o som, é a cor, é o suor

É a dose mais forte e lenta

De uma gente que ri quando deve chorar

E não vive, apenas aguenta [...]

Mas é preciso ter manha

É preciso ter graça

É preciso ter sonho sempre

Quem traz na pele essa marca

Possui a estranha mania

De ter fé na vida

(Milton Nascimento e Fernando Brant)

RESUMO

Toledo, C. B (2020) **ESQUEMAS INICIAIS DESADAPTATIVOS E MODOS ESQUEMÁTICOS EM MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**. Resumo da Dissertação de Mestrado em Psicologia. Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

A violência contra mulher é um fenômeno social que ocorre em todas as classes e faixas etárias, apresentando-se de diversas formas e manifestando um fator estruturante das desigualdades de gênero. Por muito tempo este tipo de violência foi protegido por princípios da inviolabilidade da vida privada, mas, através dos movimentos feministas, a temática ganhou dimensão pública e coletiva. Os dados sobre a violência doméstica no Brasil são alarmantes e, com o advento do isolamento social em função da pandemia do novo coronavírus, os índices se agravaram ainda mais. Essa pesquisa buscou compreender o fenômeno da violência doméstica contra a mulher a partir da Teoria do Esquema e seus conceitos sobre Esquemas Iniciais Desadaptativos e Modos Esquemáticos. Nesta concepção, as experiências iniciais com cuidadores e outras figuras significativas ao desenvolvimento infanto-juvenil irão influenciar nas relações futuras e serão modelos para novos relacionamentos. O objetivo principal desse estudo foi identificar Esquemas Iniciais Desadaptativos e Modos Esquemáticos numa amostra de 20 mulheres vítimas de violência doméstica assistidas em Equipamento especializado em atendimento a mulher em situação de violência na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. A pesquisa foi realizada sob a perspectiva metodológica da Inserção Ecológica. Os achados encontrados foram analisados em duas etapas: a primeira com levantamento de dados quantitativos, com base nos Questionários de Esquemas, Inventários de Modos e Dados sociodemográficos das entrevistas; a segunda, por meio da investigação e estudo dos dados qualitativos a partir de entrevistas e das observações de campo, através da análise de conteúdo. Os resultados apontaram a ativação de Esquemas Iniciais Desadaptativos, principalmente do primeiro domínio (Desconexão e Rejeição) e do quarto (Direcionamento para o outro), como esquemas que ampliam a vulnerabilidade da mulher à violência doméstica. A violência no contexto da família de origem também se apresentou como um fator de risco para formação de Esquemas Iniciais Desadaptativos e para manutenção desse fenômeno nas gerações futuras. Os modos de enfrentamento disfuncional na amostra de mulheres foram capitulador complacente e autoconfortador desligado, aparecerem também o modo pais exigentes, criança feliz e adulto saudável.

Palavras-chave: Violência doméstica contra mulher. Esquemas Iniciais Desadaptativos. Modos Esquemáticos.

ABSTRACT

Toledo, C. B (2020). **INITIAL MALADAPTIVE SCHEMES AND SCHEMATIC MODES IN WOMEN VICTIMS OF DOMESTIC VIOLENCE**. Summary of the Master's Dissertation in Psychology. Institute of Education, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Violence against women is a social phenomenon that occurs in all classes and age groups, presenting itself in different ways and manifesting a structuring factor of gender inequalities. For a long time, this type of violence was protected by principles of the inviolability of private life, but, through feminist movements, the theme gained public and collective dimension. The data on domestic violence in Brazil are alarming and, with the advent of social isolation due to the new coronavirus pandemic, the rates have worsened even more. This research sought to understand the phenomenon of domestic violence against women from the Schema Theory and its concepts on Maladaptive Initial Schemas and Schematic Modes. In this conception, the initial experiences with caregivers and other significant figures for the child's development will influence future relationships and will be models for new relationships. The main objective of this study was to identify Maladaptive Initial Schemas and Schematic Modes in a sample of 20 women victims of domestic violence assisted in equipment specialized in assisting women in situations of violence in Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. The research was carried out under the methodological perspective of Ecological Insertion. The findings were analyzed in two stages: the first with the collection of quantitative data, based on the Questionnaires of Schemas, Inventories of Modes and sociodemographic data from the interviews; the second, through the investigation and study of qualitative data from interviews and field observations, through content analysis. The results showed the activation of Maladaptive Initial Schemas, mainly in the first domain (Disconnection and Rejection) and in the fourth (Direction towards the other), as schemes that increase women's vulnerability to domestic violence. Violence in the context of the family of origin was also presented as a risk factor for the formation of Maladaptive Initial Schemas and for the maintenance of this phenomenon in future generations. The dysfunctional coping modes in the sample of women were complacent surrendering and disconnected self-comforting, with demanding parents, happy children and healthy adults also appearing.

Keywords: Domestic violence against women. Maladaptive Initial Schemas. Schematic Modes.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Índices da violência contra mulher no estado do Rio de Janeiro	19
Tabela 02 – Fatores que podem promover a violência de gênero contra meninas e mulheres	25
Tabela 03 – Tipos de violência doméstica contra mulher	27
Tabela 04 – Modos Esquemáticos segundo Young	35
Tabela 05 – Atividades Desenvolvidas pela CPM-NI	39
Tabela 06 – Revisão Integrativa	46
Tabela 07 – Dados sociodemográficos e de violência da amostra de mulheres	51
Tabela 08 – Dados sobre a violência doméstica sofrida na amostra de mulheres	54
Tabela 09 – Maior dificuldade para romper um relacionamento violento	55
Tabela 10 – Histórico familiar de violência doméstica contra mulher até a terceira geração de mulheres da família	59
Tabela 11 – Esquemas Iniciais Desadaptativos na amostra de mulheres	61
Tabela 12 – EIDs encontrados na amostra de mulheres	62
Tabela 13 – Esquemas Iniciais Desadaptativos por Domínio Esquemático	64
Tabela 14 – Modos Esquemáticos na amostra de Mulheres	68

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COVID-19 – *Corona Virus Disease* (doença do coronavírus); o número “19” refere-se ao ano de 2019

CEAM – Centro Especializado de Atendimento à Mulher

CPM – Coordenadoria de Políticas para Mulheres

DE – Domínio Esquemático

EID – Esquema Inicial Desadaptativo

ME – Modo Esquemático

FBSP – Fórum Brasileiro de Saúde Pública

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

ISP – Instituto de Segurança Pública

LEVICA - Laboratório de Estudo sobre violência contra crianças e adolescentes

ONU – Organização das Nações Unidas

SMI – Inventário de Modos Esquemáticos

SMQ - *Schema Mode Questionnaire*

TC – Terapia Cognitivo

TCC – Terapia Cognitivo Comportamental

TE – Terapia do Esquema

UNA-SUS – Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde

YSQ S3 – *Young Schema Questionnaire*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	
1.	INTRODUÇÃO 17
2.	JUSTIFICATIVA 19
3.	OBJETIVOS 22
3.1	GERAL 22
3.2	ESPECÍFICOS 22
4	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 23
4.1	VIOLÊNCIA DOMÉSTICA 23
4.1.1	Violência contra a mulher no Brasil – Breve panorama 23
4.1.2	A violência doméstica – Lei Maria da Penha 26
4.1.3	Contextualizando a violência doméstica no momento da pesquisa: pandemia de COVID-19 29
4.2	TERAPIA DE ESQUEMA DE JEFFREY E. YOUNG 31
4.2.1	Contextualizando as Terapias Cognitivo-Comportamentais (TCCs) ... 31
4.2.2	Terapia do esquema – Teoria e conceitos 33
5	METODOLOGIA 37
5.1	TIPO DE PESQUISA 37
5.2	LOCAL DO ESTUDO 38
5.3	PARTICIPANTES 40
5.4	INSTRUMENTOS 40
5.5	PROCEDIMENTO 42
5.5.1	Coleta de dados 42
5.5.2	Questões éticas e sanitárias da pesquisa 43
6	RESULTADOS E DISCUSSÕES 45
6.1	ANÁLISE DOS DADOS 45

6.2	REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA	45
6.3	PESQUISA DE CAMPO	48
6.3.1	Diário de campo	48
6.3.2	Entrevistas	51
6.3.2.1	Dados sociodemográficos e de violência	51
6.3.2.2	Categorias de análise de conteúdo	56
6.3.2.2.1	<i>Violência no contexto da família de origem e a formação de Esquemas Iniciais Desadaptativos</i>	58
6.3.2.2.2	<i>A transgeracionalidade da violência doméstica contra a mulher</i>	58
6.3.3	Questionário de Esquemas	60
6.3.4	Inventário de Modos Esquemáticos	67
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
8	REFERÊNCIAS	72

ANEXO 01 – QUESTIONÁRIO DE ESQUEMAS

ANEXO 02 – INVENTÁRIO E MODOS ESQUEMÁTICOS

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

APÊNDICE B – CARTA DE ANUÊNCIA

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

APÊNDICE D – TERMO DE COMPROMISSO E CONFIDENCIALIDADE

APÊNDICE E – AUTORIZAÇÃO DE USO DE ARQUIVOS/ DADOS DE PESQUISA

APRESENTAÇÃO

Os dados sobre violência e criminalidade em nossa sociedade são aterrorizantes, constantemente nos sentimos temerosos e vulneráveis. É em casa que muitas vezes temos a sensação de segurança, como se estivéssemos protegidos por paredes, portas, janelas e grades. Experimentamos, assim, a sensação de lugar seguro, no qual nada de mau irá nos acontecer. Mas o que fazer quando não se pode escapar da violência? E quando essa violência é protegida, validada e aceita pela privacidade familiar? Essa é a realidade de muitas mulheres em situação de violência doméstica.

Como psicóloga clínica, pude ouvir algumas mulheres vítimas de violência. A dificuldade e a complexidade em romper com o ciclo da violência são grandes. As crenças, desenvolvidas ao longo de suas histórias, e os modelos de relacionamento disfuncionais na família são fatores de grande significância na manutenção desse ciclo. Sem dúvida, a escuta dessas experiências e o estudo para cada caso me trouxeram muita inquietação sobre a temática.

O grande tema Violência me “fisgou” ainda na graduação em Psicologia, na qual pude estudar o fenômeno pela perspectiva da Psicologia Social com foco na Violência Escolar na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. O estudo, a tomada de consciência sobre toda a complexidade, amplitude e multiface da violência, somada ao desejo de contribuir de forma preventiva contra o fenômeno, foram motivadores.

Seguindo meus estudos com a aprovação no mestrado, pude conhecer e me inserir no Laboratório de Estudo sobre violência contra crianças e adolescentes (LEVICA), em 2019, o que potencializou ainda mais o desejo de mergulhar nesse conteúdo, já que crianças e adolescentes vítimas de violência com frequência sofrem violência em seus lares e muitas vezes sendo parte dessa agressão a relação violenta dos próprios pais.

Enquanto mulher, psicóloga, pesquisadora, nascida e criada na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, onde, por vezes, a violência doméstica está logo ali, depois do muro, no vizinho ao lado, onde a violência com frequência é banal, comum, normal, sinto-me impulsionada a contribuir através deste estudo na prevenção e combate à violência doméstica contra a mulher.

1. INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher acontece em todas as classes sociais e em todas as faixas etárias, apresentando-se de diversas formas e sendo em si um fator estruturante das desigualdades de gênero. Em 2017, houve um crescimento dos feminicídios no Brasil, com uma média de 13 assassinatos por dia, ou seja, são 4.936 mulheres mortas, o maior número registrado desde o ano de 2007 (IPEA; FBSP-2019, 2019).

A violência doméstica agravou-se ainda mais com o advento do isolamento social em função da pandemia do novo coronavírus. Nesse contexto, muitas mulheres em situação de violência foram obrigadas a ficar em casa com o seu agressor. Com isso, a Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro relatou um aumento de 50% nos casos de violência doméstica no Estado durante os primeiros dias do período de isolamento (GALVANI, 2020).

O quadro descrito acima torna imperativa a necessidade de pesquisas e ações que contribuam para mitigar a violência doméstica contra a mulher, já que se trata de um fenômeno recorrente e com graves consequências. Nas suas mais diversas formas, a violência contribui, além do grande impacto na morbimortalidade, para prejuízos na qualidade de vida das pessoas afetadas, gerando aumento de custos sociais com cuidados de saúde, previdência, absenteísmo à escola e trabalho, dentre outros, sendo uma das maiores causas da desestruturação familiar e pessoal (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2011).

O estudo sobre o fenômeno da violência doméstica contra a mulher nesta pesquisa foi desenvolvido a partir dos conceitos de Esquemas Iniciais Desadaptativos e os Modos Esquemáticos, referenciados na Teoria do Esquema de Jeffrey E. Young. Nessa perspectiva, compreende-se que os modelos mentais de como amar e ser amado são construídos a partir das experiências com os cuidadores e com outras figuras representativas no desenvolvimento do sujeito. Tais modelos são utilizados como base para vivenciar as futuras relações íntimas (PAIM, 2019).

Tratou-se de um estudo aplicado, exploratório, com uma abordagem quantitativa-qualitativa, iniciado com a revisão integrativa da literatura e seguindo a campo sob a perspectiva teórica da Inserção Ecológica. Os instrumentos utilizados foram: Questionário de Esquemas (YSQ S3); Inventário de Modos Esquemáticos (SMI); entrevista padronizada, com algumas perguntas objetivas e outras abertas. O estudo dos dados se deu a partir da teoria de análise de conteúdo de Bardin.

A proposta da pesquisa foi investigar a relação entre Esquemas Iniciais Desadaptativos e Modos Esquemáticos com o fenômeno da violência doméstica contra a mulher. Para tal, buscou-se não apenas a mensuração dos instrumentos utilizados em campo, mas também a interseção e interlocução entre estudos anteriores, observações e vivências da pesquisadora em campo e o relato das mulheres, ampliando, com isso, a visão e a compreensão sobre o fenômeno da violência.

Nos capítulos a seguir, serão abordadas: a fundamentação teórica; a violência doméstica no Brasil; a lei Maria da Penha; a violência doméstica no contexto da pandemia de COVID-19; a contextualização sobre as TCCs; e, por fim, a apresentação da Terapia do Esquema, bem como seus principais conceitos. Após, será descrita toda a metodologia desse estudo, bem como os resultados e discussão.

2. JUSTIFICATIVA

Durante muito tempo a violência contra a mulher esteve protegida por princípios da inviolabilidade da vida privada. Foi o movimento feminista que trouxe à tona a violência de gênero como uma questão de dimensão pública e coletiva, através da denúncia e da luta contra as formas institucionais e não institucionais de domínio do masculino (SILVEIRA; NADIR; SPINDLER, 2014). Apesar dos avanços, os dados apontam que ainda há muito a se fazer para mitigar esse tipo de violência.

No quadro abaixo, são observados os alarmantes índices de violência contra a mulher no estado do Rio de Janeiro. Os dados foram retirados do Dossiê da Mulher 2019, segundo as formas de violência descritas na Lei Maria da Penha:

Tabela 01 – Índices da violência contra mulher no estado do Rio de Janeiro

Formas de violência	Delitos	Total de vítimas	Vítimas Mulheres	% de vítimas mulheres
Violência física	Homicídio doloso	4.950	350	7,1%
	Feminicídio	-	71	-
	Tentativa de homicídio	6.242	729	11,7%
	Tentativa de feminicídio	-	288	-
	Lesão corporal dolosa	63.323	41.344	65,3%
Violência sexual	Estupro	5.310	4.543	85,6%
	Tentativa de estupro	339	308	90,9%
	Assédio sexual	165	150	90,9%
	Importunação ofensiva ao pudor	689	638	92,6%
	Ato obsceno	294	193	65,6%
Violência Patrimonial	Dano	4.949	2.743	55,4%
	Violação de	3.239	2.223	68,6%

	domicílio			
	Supressão de documentos	591	364	61,6%
Violência Moral	Violência moral Calúnia/ Difamação/ Injúria	40.961	29.665	72,4%
Violência Psicológica	Ameaça	56.009	37.423	66,8%
	Constrangimento ilegal	762	404	53,0%

Fonte: ISP com base em dados da Secretaria de Estado de Polícia Civil.

Importante observar que os dados acima são resultado de uma pesquisa realizada fora do contexto da pandemia de COVID-19. Desse modo, cabe destacar o aumento da violência contra a mulher nesse cenário, como mostra o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), que produziu uma nota técnica com o objetivo de verificar a variação nos níveis de violência doméstica nos primeiros dias das medidas de isolamento social decretadas no país.

Segundo o FBSP (2020), um estudo do universo digital apontou um aumento de 431% nos relatos de brigas entre vizinhos no *Twitter* (entre fevereiro e abril de 2020), universo de 52 mil menções contendo algum indicador de briga entre casais vizinhos realizadas entre fevereiro e abril. Filtrando por apenas mensagens que apontassem a ocorrência de violência doméstica, o resultado foi de 5.583 menções, sendo que: 25% do total de relatos de brigas de casal aconteceram às sextas-feiras; 53% dos relatos foram publicados à noite ou na madrugada, entre 20h e 3h; e 67% dos relatos foram de mulheres.

Apesar de alguns registros administrativos indicarem aparentemente uma redução do número da violência contra a mulher, a quantidade de feminicídios e homicídios femininos apresentam um aumento que indica o quanto a violência doméstica e familiar estava em ascensão nesse período.

Os índices de violência contra a mulher são preocupantes, é preciso mensurar os impactos gerados na vida da mulher acometida pela violência, uma vez que afeta a autonomia, abala a autoestima e reduz a qualidade de vida, trazendo prejuízos à estruturação pessoal, familiar e social.

As agressões são ameaçadoras e estão, geralmente, associadas a problemas sociais preocupantes, como desemprego, marginalização, desigualdades

sociais, uso de álcool e drogas, trazendo impacto à morbimortalidade dessa população” (NETTO *et al.*, 2014, p. 459).

A partir dos dados, percebe-se que a violência doméstica é um fenômeno recorrente e, nas suas mais diversas formas, a violência traz prejuízos na qualidade de vida da pessoa, com aumento de custos sociais com cuidados de saúde, previdência, absenteísmo à escola e trabalho, dentre outros. Sendo ainda uma das maiores causas da desestruturação familiar e pessoal (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2011).

3. OBJETIVOS

3.1 GERAL

Identificar Esquemas Iniciais Desadaptativos e Modos Esquemáticos em mulheres vítimas de violência doméstica no contexto dos relacionamentos amorosos, atendidas e/ou acompanhadas no Equipamento de atendimento à mulheres vítimas de violência no Município de Nova Iguaçu - RJ.

3.2 ESPECÍFICOS

- Avaliar, através da Revisão Integrativa da literatura, estudos sobre a temática da violência contra mulher e Terapia do Esquema no Brasil;
- Identificar o perfil sociodemográfico de mulheres vítimas de violência atendidas no equipamento de local da pesquisa ;
- Investigar histórico e tipos de violência doméstica mais predominante contra mulher no Brasil e nas participantes da pesquisa;
- Entender de que modo Esquemas Iniciais Desadaptativos e Modos Esquemáticos se relacionam para manutenção/perpetuação da violência doméstica contra a mulher.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

4.1.1 Violência contra mulher no Brasil – Breve Panorama

Historicamente, houve progressos importantes no que se refere ao combate à violência contra a mulher. Entretanto, os índices no Brasil, de maneira geral, ainda são bem altos. É o que mostra o *Atlas da Violência 2019* (IPEA; FBSP-2019, 2019), o qual registrou um crescimento dos homicídios femininos no Brasil, em 2017, com uma média de 13 assassinatos por dia, ou seja, são 4.936 mulheres mortas, o maior número registrado desde do ano de 2007.

A opressão sofrida por mulheres, por muito tempo, foi vinculada ao sistema patriarcal, a partir da ideia da relação dominação-submissão feminina. Entretanto não se pode perceber a dominação masculina como algo fechado, que se reproduz de maneira igualitária. Existem variações em como o poder do patriarcalismo se institui e legitima, como também nas formas de resistência que as mulheres desenvolvem nos diferentes contextos (ARAÚJO, 2008).

Uma parte da violência sofrida pela mulher aconteceu por muito tempo de forma silenciosa e individual, sendo protegida por princípios da inviolabilidade da vida privada. Foi o movimento feminista que trouxe à tona a violência de gênero como uma questão de dimensão pública e coletiva, através da denúncia e da luta contra as formas institucionais e não institucionais de domínio do masculino (SILVEIRA; NADIR; SPINDLER, 2014). A violência contra a mulher começa a sair do âmbito privado e vem para dimensão social.

As pesquisas e estudos sobre o tema da violência contra mulher fomentam conquistas sociais importantes. Posto que os primeiros movimentos em prol das mulheres, no que tange à violência, surgem em plena ditadura militar, sob influência das feministas europeias e norte-americanas, e no meio acadêmico, no qual estudiosas discutiam a condição da mulher na sociedade brasileira e o papel de subordinação ao qual a mulher era submetida ao longo dos tempos. Inicialmente unidas a movimentos ligados à luta contra o regime ditatorial vigente no país, as mulheres faziam parte também de movimentos populares que clamavam por direitos básicos de cidadania como habitação, saneamento básico e educação (ALMEIDA, 2007).

A violência doméstica contra a mulher ganha espaço nas discussões feministas, visto que naquele momento histórico não havia no Estado brasileiro nenhum programa de atendimento à mulher vítima desse tipo de violência. Na década seguinte, o movimento

feminista propôs um debate com o poder público em busca de medidas mais enérgicas ao combate à violência contra a mulher. Foi nesse cenário que o termo “gênero” ganhou um novo significado no Brasil, em meados da década de 1980, como categoria analítica nas Ciências Sociais em publicações de revistas científicas, dissertações de mestrado e seminários, abordando o tema, sem, contudo, dar uma definição precisa (ALMEIDA, 2007).

O termo gênero compreende uma relação social que se constrói ao longo da história e que determina, de acordo com o sexo biológico (masculino ou feminino), quais papéis, comportamentos e funções cada sujeito deverá desempenhar na sociedade. As determinações não estão inerentes a cada sexo, se constroem da cultura e da sociedade a qual esses sujeitos pertencem. É assim que as diferenças biológicas se convergem em desigualdade, cria-se, então, um sistema simbólico em que as relações entre homens e mulheres passam a ser assimétricas, e constitui hierarquias sociais, nas quais as mulheres são vistas em posição de submissão em relação aos homens (ALMEIDA, 2007).

É através do entendimento sobre gênero que se pode perceber que a violência contra a mulher não se refere a atitudes e pensamentos de aniquilação do outro, que é considerado igual ou visto na mesma condição de existência e de valor do seu infrator. Ao contrário, a motivação está na desigualdade baseada na condição de sexo iniciada no próprio núcleo familiar, no qual as relações de gênero se estabelecem no protótipo de relações hierárquicas (BANDEIRA, 2014).

Em outras palavras, ao escolher o uso da modalidade violência de gênero, entende-se que as ações violentas são produzidas em contextos e espaços relacionais e, portanto, interpessoais, que têm cenários sociais e históricos não uniformes. A centralidade das ações violentas incide sobre a mulher, quer sejam estas violências físicas, sexuais, psicológicas, patrimoniais ou morais, tanto no âmbito privado-familiar como nos espaços de trabalho e públicos. Não se trata de adotar uma perspectiva ou um olhar vitimizador em relação à mulher, o que já recebeu críticas importantes, mas destacar que a expressiva concentração deste tipo de violência ocorre historicamente sobre os corpos femininos e que as relações violentas existem porque as relações assimétricas de poder permeiam a vida rotineira das pessoas (BANDEIRA, 2014, p. 451).

A ONU Mulheres (2020) apontou alguns fatores que podem promover a violência de gênero contra meninas e mulheres:

Tabela 02 – Fatores que podem promover a violência de gênero contra meninas e mulheres

FATORES ESTRUTURAIS

- Desigualdade social entre homens e mulheres com base em normas sociais, valores morais, atitudes e comportamentos prescritos para homens e mulheres;
- Reprodução de estereótipos sexuais e dos papéis tradicionais que tratam a mulher de forma submissa aos homens;
- Objetificação dos corpos e o controle sobre a sexualidade feminina;
- Exacerbação da masculinidade violenta;
- Divisão sexual do trabalho como base das desigualdades de poder;
- A interseccionalidade de gênero, raça e classe como constructo social que agrava as manifestações de violência e é geradora de obstáculos para acesso a direitos.

FATORES CIRCUNSTANCIAIS

- Dependência de álcool ou outras drogas;
- Desemprego e/ou problemas financeiros;
- Mudanças recentes de relacionamentos (separação, reconciliação);
- Gravidez, nascimento do (a) primeiro (a) filho (a);
- Conflitos com relação à educação/ guarda de filhos;
- Conflitos com relação a patrimônio familiar.

FATORES AGRAVADOS NA SITUAÇÃO DE PANDEMIA POR COVID-19

- Medo de contaminação/adoecimento;
- Comprometimento da saúde mental (stress, pânico, angústia, depressão, ansiedade);
- Luto pela perda de familiares e amigos por contaminação da COVID-19;
- Falta de autocuidado expondo a família ao risco;
- Aumento do consumo de álcool e/ou outras drogas;

- Desemprego e/ou dificuldades financeiras;
- Conflitos relacionados ao cotidiano doméstico e cuidado com crianças, doentes e idosos.

Fonte: Diretrizes para atendimento em casos de violência de gênero contra meninas e mulheres em tempos de pandemia da COVID-19 (ONU MULHERES, 2020).

Foi por meio da militância feminina e de suas reivindicações sociais que se constituem histórica, política e culturalmente as condições necessárias ao reconhecimento da legitimidade e da gravidade da questão da violência contra a mulher, viabilizando medidas de políticas públicas (BANDEIRA, 2014).

4.1.2 A violência doméstica – Lei Maria da Penha

No enquadramento da família, o Ministério da Saúde (2001) ressalta que qualquer tipo de abuso cometido no contexto privado contra qualquer um membro que compõe a família caracteriza-se como violência intrafamiliar. Trata-se, então, da violência causada entre pessoas com vínculos afetivos, de convívio ou consanguíneos, tendo como maior fator as relações estabelecidas entre membros, e não o espaço físico no qual ocorre. Diferentemente do conceito de violência doméstica, o qual engloba “outros membros do grupo, sem função parental, que convivam no espaço doméstico. Incluem-se aí empregados(as), pessoas que convivem esporadicamente, agregados” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001).

A violência doméstica é um fenômeno que vem à tona pelos movimentos sociais femininos, conforme descrito no capítulo anterior. Sendo esse termo frequentemente utilizado para explicar situações de violência intrafamiliar, no espaço doméstico, afetando as mulheres por sua condição de gênero (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001).

Um marco importante no contexto da violência doméstica no Brasil foi a Lei 11.340 de 07 de Agosto de 2006, a Lei Maria da Penha. Esta traz uma inovação que define políticas públicas a serem adotadas para o atendimento da mulher vítima de violência e sua família, reunindo uma rede de proteção social e regulando a necessidade de capacitação de profissionais que atuarão com essas mulheres vítimas de agressões (ALMEIDA, 2007). Segundo a ONU, a lei é uma das mais avançadas no mundo no que tange a defesa dos direitos das mulheres, pois, além de responsabilizar os agressores, traz outros dispositivos, como, por exemplo, o conceito dos cinco tipos de violência (ONU MULHERES, 2020).

A Lei Maria da Penha (2006) compreende a violência doméstica e familiar contra a mulher como:

Qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial: no âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas; no âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa; em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação. (LEI MARIA DA PENHA, 2006).

Segundo a Lei, são cinco os tipos de violência doméstica e familiar:

Tabela 03 – Tipos de violência doméstica contra Mulher.

<u>Violência Física</u>	Entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal.
<u>Violência Psicológica</u>	Entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação.
<u>Violência sexual</u>	Entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos
<u>Violência Patrimonial</u>	Entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos,

	instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;
<u>Violência Moral</u>	Entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

Fonte: Lei Maria da Penha (Lei 11.340 de 07 de Agosto de 2006).

Segundo Lenore Walker (1979), essas agressões que acontecem no contexto conjugal possuem um ciclo que se repete. Na primeira fase, conhecida como fase de tensão, o agressor se mostra tenso e irritado por qualquer motivo, podendo ter ataques de raiva. Humilha a vítima, faz ameaças e destrói objetos. De maneira geral a vítima tenta omitir dos amigos e familiares o que está acontecendo. Com frequência, acredita que fez algo de errado e busca justificar o comportamento violento do agressor. Essa tensão pode durar dias ou até mesmo anos, mas como tende a aumentar é provável que leve a fase dois: ato de violência. Nesse momento o agressor explode, ou seja, o descontrole leva ao ato violento. O que na fase um era tensão, aqui se materializa em violência verbal, física, psicológica, moral ou patrimonial. O terceiro momento, também conhecido como “Lua de mel”, se caracteriza pelo arrependimento do agressor, que, para reconciliar-se, se torna amável (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2020).

Bandeira (2014), destaca que, na atualidade, não há mudanças significativas entre as razões que continuam a justificar formalmente a perpetuação da violência de gênero. O que, com frequência, apresenta-se sob a argumentação de que a mulher não está cumprindo seu papel de mãe, dona de casa e esposa, por estar envolvida com trabalho, estudo, entre outros. Sendo assim, não há ruptura efetiva com as estruturas antigas, as que organizam e regem as hierarquias e os papéis femininos e masculinos na esfera familiar.

As concepções dominantes de feminilidade e masculinidade ainda se organizam a partir de disputas simbólicas e materiais, que operam no interior dos espaços domésticos e que, por conseguinte, acabam por se projetar a outras searas, sendo processadas em outros espaços institucionais. (BANDEIRA, 2014, p. 457).

Nessa perspectiva, faz-se necessário muito estudo e pesquisa sobre a temática, a fim de prevenir e combater esse tipo de violência.

4.1.3 Contextualizando a Violência Doméstica no momento da pesquisa – Pandemia COVID-19

Conforme apresentado nos capítulos anteriores, a violência doméstica é um problema grave e altamente prevalente. Situações de emergência, como uma pandemia, tendem a potencializar ainda mais a violência contra a mulher (ONU, 2020). Sendo assim, o presente capítulo versa sobre alguns dados da violência doméstica durante o período pandêmico no Brasil, momento no qual a pesquisa aconteceu.

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde decretou o estado de pandemia, em função da velocidade com a qual o novo coronavírus se espalhava, a fim de diminuir a contaminação (UMA-SUS, 2020). O vírus causa infecções respiratórias e provoca a doença chamada de coronavírus (COVID-19). Os sintomas da doença podem variar de um simples resfriado até uma pneumonia severa. As formas de transmissão conhecidas acontecem de uma pessoa para outra ou por contato próximo, através de toque do aperto de mão, gotículas de saliva, espirros, tosse, catarro e objetos e superfícies contaminadas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

Os governos passaram a decretar o isolamento social da população em suas casas, com o objetivo de evitar aglomerações e diminuir o contágio. Apesar de necessária para a preservação da vida, tal medida trouxe graves repercussões para sociedade, dentre estas o aumento de casos de violência doméstica.

Com a pandemia de COVID-19, alguns fatores podem exacerbar os riscos de violência para as mulheres como: estresse; interrupção das redes sociais, redes de proteção e a diminuição do acesso aos serviços; orientação para ficar em casa em proximidade com seu agressor; possíveis perdas econômicas ou de emprego; aumento do trabalho de assistência durante a pandemia; o fechamento das escolas; a sobrecarga de tarefas sobre as mulheres; a interrupção dos meios de subsistência e a capacidade de ganhar a vida, inclusive para as mulheres; diminuição do acesso a necessidades e serviços básicos, aumentando a tensão interna das famílias, com potencial para exacerbar conflitos e violência; os autores de abuso podem usar as restrições devido para exercer poder e controle sobre seus parceiros, para reduzir ainda mais o acesso a serviços, ajuda e apoio psicossocial, tanto formal quanto redes informais; os autores também podem restringir o acesso a itens necessários, como sabão e desinfetante para as mãos, ou podem exercer controle divulgando informações erradas sobre a doença e estigmatizar os parceiros (ONU, 2020).

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2020) produziu uma nota técnica com o objetivo de verificar a variação nos níveis de violência doméstica nos primeiros dias das medidas de isolamento social decretadas no país. O estudo do universo digital apontou um aumento de 431% nos relatos de brigas entre vizinhos no *Twitter* (entre fevereiro e abril de 2020), universo de 52 mil menções contendo algum indicador de briga entre casais vizinhos realizadas entre fevereiro e abril. Filtrando por apenas mensagens que apontassem a ocorrência de violência doméstica, o resultado foi de 5.583 menções, sendo que: 25% do total de relatos de brigas de casal aconteceram às sextas-feiras; 53% dos relatos foram publicados à noite ou na madrugada, entre 20h e 3h; e 67% dos relatos foram de mulheres.

Apesar de alguns registros administrativos indicarem aparentemente uma redução do número da violência contra mulher, a quantidade de feminicídios e homicídios femininos apresentam um aumento que indica o quanto a violência doméstica e familiar estava em ascensão nesse período.

Sobre o número 180, que é um canal de denúncia administrado pelo governo federal, a Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres anunciou um crescimento de 17% no número de denúncias registradas pela plataforma no comparativo do começo e do fim do mês de março, período marcado por determinações de afastamento social em estados e municípios. Já a Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro relatou um aumento de 50% nos casos de violência doméstica no estado durante os primeiros dias do período de isolamento por conta da pandemia (GALVANI, 2020).

Para tentar conter o crescimento dos casos, em 08 de julho de 2020, entrou em vigor a lei que combate à violência doméstica no período de pandemia de COVID-19, assegurando o pleno funcionamento de órgãos de atendimento a mulheres, crianças, adolescentes, pessoas idosas e cidadãos com deficiência vítimas de violência doméstica ou familiar. O texto foi publicado no Diário Oficial da União, Lei 14.022/20, e foi sancionado sem vetos pelo presidente Jair Bolsonaro (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2020), tendo como autora a deputada Maria do Rosário (PT-RS) e outras 22 integrantes da bancada feminina no Congresso.

Apesar das informações supracitadas, é importante ressaltar que o isolamento social é uma das medidas mais eficazes no combate à COVID-19 segundo as autoridades de saúde,

cabendo, então, aos órgãos competentes e à sociedade reforçarem ações de enfrentamento à violência doméstica nesse período.

4.2 TERAPIA DO ESQUEMA DE JEFFREY E. YOUNG

4.2.1 Contextualizando as Terapias Cognitivo - Comportamentais (TCCs)

Segundo Rangé e Pereira (2011), a psicologia clínica e a psiquiatria na década de 1960 eram orientadas de maneira absoluta pelas teorias psicanalistas. Mas, a partir de 1970, acontece nos Estados Unidos um movimento de dúvidas nos meios científicos quanto à eficiência da abordagem psicanalítica para transtornos mentais. Surgindo já nesse momento algumas das teorias cognitivas-comportamentais que continuam a existir na atualidade.

Beck, que se destaca nas Terapias Cognitivo - Comportamentais TCCs, utilizou-se de várias e diferentes fontes quando desenvolveu sua forma de psicoterapia, por exemplo, os primeiros filósofos, como Epíteto, e teóricos como Karen Horney, Alfred Adler, George Kelly, Albert Ellis, Richard Lazarus e Albert Bandura (BECK, 2013, p. 22). O modelo proposto por Beck propõe que pensamentos disfuncionais, que interferem no humor e no pensamento do paciente, são frequentes em todos os transtornos psicológicos. Se o sujeito for capaz de aprender e avaliar seu pensamento de forma mais real e adaptativa, ela é capaz de melhorar seu estado emocional e seu comportamento (BECK, 2013, p. 23).

Ao buscar uma melhora duradoura no humor e no comportamento do paciente, os terapeutas cognitivos atuam em um nível mais profundo da cognição, ou seja, as crenças de base do paciente, sobre si, sobre o mundo e sobre as pessoas. Ao modificar as crenças disfuncionais subjacentes, a mudança no paciente é mais duradoura (BECK, 2013, p. 23).

Knapp (2004, p. 19) diz que a terapia cognitiva identifica e trabalha em três níveis de cognição: os pensamentos automáticos, pressupostos subjacentes e crenças nucleares. Todas as pessoas têm suas crenças, pressupostos e pensamento automático positivos e negativos, mas, ao nos referir a esses conceitos, estamos nos referindo aos disfuncionais.

As ideias e conceitos mais enraizados e fundamentais sobre nós mesmos, as pessoas e o mundo, são nossas crenças nucleares. Estas são incondicionais, ou seja, independente da situação que se apresente ao sujeito, ele irá pensar conforme suas crenças. As crenças nucleares se desenvolvem e formam desde as primeiras experiências de aprendizado e se solidificam ao longo da vida, moldando a percepção e a interpretação que damos aos eventos,

modelando a nossa maneira psicológica de ser. Se não houver nenhuma ação corretiva das crenças nucleares disfuncionais, a pessoa as cristaliza como verdades absolutas e imutáveis. Sendo assim, para que haja transformações duradouras na psicopatologia do indivíduo, as crenças nucleares disfuncionais precisam ser modificadas e este é o objetivo último da terapia cognitiva (KNAPP, 2004, p. 20).

Segundo Knapp (2004, p. 19), a utilização do termo terapia cognitivo-comportamental (TCC) diz de uma reunião de práticas que possuem características básicas em comum, como aspectos teóricos e métodos de intervenção. Habitualmente, fala-se em terapias cognitivo-comportamentais, no plural, justamente por serem desenvolvidas por diferentes autores de forma separada e diversificada, podendo-se encontrar mais de 20 abordagens dentro do modelo cognitivo e cognitivo-comportamental. Surgem nos anos 60 e 70 as primeiras referências nas abordagens cognitivo-comportamentais para tratamento dos transtornos emocionais, como Aaron Beck (1963, 1967, 1979), Albert Ellis (1962), Lazarus (1966), Meichenbaum (1973) e Mahoney (1974), entre outros.

Ainda segundo Knapp (2004, p. 20), existem certas características que diferenciam a escola cognitiva e seu modelo terapêutico. No método utilizado pela psicanálise, por exemplo, o terapeuta interpreta o material trazido à consulta. Diferentemente, na escola cognitiva, o material trazido pelo paciente é elaborado em conjunto num trabalho de identificar, examinar e corrigir as distorções do pensamento que trazem sofrimento emocional à pessoa. A Terapia Cognitiva vai focar todo seu trabalho na identificação e correção dos padrões de pensamentos conscientes e inconscientes “que não estão imediatamente acessíveis à consciência” (KNAPP, 2004).

A terapia cognitiva orienta-se na ideia de que a inter-relação entre cognição, emoção e comportamento está envolvida no funcionamento normal da pessoa, em especial, na psicopatologia. A maneira como pensamos influenciará nossas emoções e comportamentos. Um acontecimento do nosso cotidiano pode promover diversas formas de sentir e agir em diferentes pessoas, mas não é o acontecimento em si que provoca essas emoções e comportamentos, mas sim o que pensamos sobre esses eventos. Os acontecimentos ativam pensamentos que, por consequência, geram emoções e comportamentos (KNAPP, 2004, p. 21).

A terapia cognitiva objetiva corrigir as distorções do pensamento, estas são muito prevalentes em diferentes transtornos. As distorções cognitivas “são vieses sistemáticas na forma como indivíduos interpretam suas experiências”. Tem-se uma avaliação errada, as distorções podem aumentar o impacto das percepções falhas. As distorções cognitivas podem levar, assim, o sujeito a conclusões erradas mesmo quando sua percepção da situação está “acurada” (KNAPP, 2004, p. 20).

A Terapia do Esquema (TE) pode ser compreendida como uma forma avançada de terapia cognitiva. Sendo assim, é uma teoria que buscou explicar aspectos que eram falhos na Terapia Cognitiva (TC) tradicional (WAINER *et al.*, 2016, p. 15).

4.2.2 Terapia do esquema – Teoria e Conceitos

A violência doméstica é um fenômeno social multifatorial e complexo. Como observado em capítulos anteriores, existe uma relação direta entre a inferiorização do gênero feminino e a violência contra a mulher. Entretanto, para além das questões de gênero, é preciso investigar aspectos cognitivos e emocionais que podem promover e/ou manter relações violentas. Nessa perspectiva, a Terapia do Esquema (TE) fornece subsídios para o estudo e compreensão da violência nas relações conjugais.

Os esquemas são uma fonte de emoção, vivência, cognição e comportamento que nos guiarão na maneira pela qual percebemos o mundo, por consequência, a forma como experienciamos nossos relacionamentos (REIS; ANDRIOLA, 2019, p. 17). O vocábulo “esquema” é utilizado em várias áreas do conhecimento para significar “uma estrutura, uma armação ou uma conformação” (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008, p. 21). Na perspectiva da psicologia cognitiva e da terapia cognitiva, Young (2000 Apud BECK, 1967) refere-se a esquemas como “qualquer princípio organizativo amplo que um indivíduo use para entender a própria experiência de vida”.

Os esquemas, segundo Young, Klosko e Weishaar (2008), são constituídos nos primeiros anos de vida, mas podem se desenvolver em outras fases do desenvolvimento humano, à medida que o indivíduo cresce vai se tornando mais complexo e será aplicado a experiências posteriores. A isso denominou-se “coerência cognitiva”, a fim de estabilizar a si e a perspectiva de mundo, ainda que haja distorções e incoerências. Um esquema pode ser positivo ou negativo, adaptativo ou desadaptativo (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR,

2008).

Esquemas Iniciais Desadaptativos (EID) são formados a partir da relação entre o temperamento emocional, experiências com figuras de afeto na infância e o nível de atendimento de suas necessidades emocionais básicas de acordo com cada fase do desenvolvimento (WAINER *et al.*, 2016). As necessidades emocionais básicas do indivíduo são (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008):

1- vínculo seguro com outros indivíduos (inclui segurança, estabilidade, cuidado e aceitação); 2- autonomia, competência e sentido de identidade; 3- liberdade de expressão, Necessidades e emoções válidas; 4 – Espontaneidade e lazer; 5- Limites realistas e autocontrole”. Sendo assim, um esquema desadaptativo remoto seria: “1- um tema ou um padrão amplo, difuso; formado por memórias, emoções e sensações corporais; 2- relacionado a si próprio ou aos relacionamentos com outras pessoas; desenvolvido durante a infância ou a adolescência; elaborado ao longo da vida do indivíduo; disfuncional ao longo da vida do sujeito (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008, p. 24).

As necessidades estão relacionadas a cinco etapas evolutivas sucessivas, nas quais serão estabelecidas as crenças e regras mais fundamentais que o sujeito levará para toda vida, ao que nomeou-se Domínio Esquemático (WAINER *et al.*, 2016).

O primeiro domínio refere-se a tarefa evolutiva de aceitação e pertencimento, os EIDs associados são: abandono, privação emocional, defeito/vergonha, isolamento social/alienação e indesejabilidade social. Já no segundo domínio, senso de autonomia e competência adequados são as tarefas evolutivas e tem como EIDs relacionados: fracasso, vulnerabilidade, dependência/incompetência e emaranhamento. Tarefas evolutivas do terceiro domínio são limites realistas e os EDIs são: autocontrole e autodisciplina insuficientes e grandiosidade/merecimento. O quarto domínio, com EIDs de subjugação, autossacrifício e busca de aprovação/reconhecimento à tarefa evolutiva é respeito aos seus desejos e aspirações. No quinto e último domínio, a tarefa evolutiva é expressão emocional legítima, os EIDs associados são: inibição emocional, padrões inflexíveis/hipercriticidade, negativismo/pessimismo e caráter punitivo (WAINER *et al.*, 2016).

No que se refere a pesquisas sobre violência no contexto dos relacionamentos, um estudo desenvolvido por Paim e Falke (2018) relaciona EIDs à violência conjugal. Sobre a vitimização da violência, apontam os esquemas de defectividade/vergonha, em mulheres e homens, e o esquema de desconfiança/abuso, em homens, como preditores de violência física

sofrida nas relações íntimas. O artigo destaca ainda que EIDs de primeiro domínio associam-se à manutenção de relações violentas.

Em uma investigação sobre aspectos cognitivos da dinâmica da violência contra a mulher em um grupo de mulheres em situação de violência, foi observado EIDs de primeiro domínio (Desconexão e Rejeição) e EIDs de quinto domínio (Supervigilância/ Inibição). Estes dados se correlacionaram com as dificuldades que mulheres vítimas de violência podem ter para lidar com a situação de violência, para promover mudanças de comportamento e de vida. (BARBOSA; CORREA; ZIMMER E PALUDO, 2019).

Na interação com o outro, alguns comportamentos disfuncionais podem surgir. Estes comportamentos desadaptativos desdobram-se como respostas a um esquema, sendo assim, são provocados pelos esquemas, não são parte dele e têm relação com os estilos de enfrentamento. A resposta a esses esquemas são os modos, ou seja, um “conjunto de esquemas ou operações de esquemas – adaptativos ou desadaptativos – que estão ativados no indivíduo em um dado momento” (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008, p. 48).

Existem quatro tipos principais de modo: modo criança, modos de enfrentamento desadaptativo, modos pais disfuncionais e modo adulto saudável, cada um irá espelhar certos esquemas (com exceção do adulto saudável e a criança feliz) ou corporificará certos tipos de enfrentamento (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008, p. 51).

Tabela 04 – Modos Esquemáticos segundo Young, Klosko e Weishaar (2018)

MODO CRIANÇA	
CRIANÇA VULNERÁVEL	Sentimentos disfóricos ou ansiosos (medo, tristeza e desamparo).
CRIANÇA ZANGADA	Sente raiva quando não tem suas necessidades emocionais atendidas ou diante de injustiça.
CRIANÇA IMPULSIVA/ INDISCIPLINADA	Age impulsivamente, sem considerar os outros, seguindo seus desejos imediatos de prazer.
CRIANÇA FELIZ	Sente-se amada, conectada, contente, satisfeita
MODOS DE ENFRENTAMENTO DESADAPTATIVO	
CAPITULADOR COMPLACENTE	O estilo de enfrentamento será obediência e dependência.
PROTETOR DESLIGADO	O estilo de enfrentamento é o retraimento emocional, desconexão, isolamento e evitação comportamental.
HIPERCOMPENSA-DOR	O estilo de enfrentamento caracterizado pelo contra-ataque e controle.
MODO PAIS DISFUNCIONAIS	
PAI/ MÃE	Restringe, critica ou pune a si mesmo.

PUNITIVO/CRÍTICO

PAI E MÃE
EXIGENTES

Nível de expectativa e de responsabilidade alto em relação aos outros. Cobra a si mesmo e a outros para cumpri-los.

Fonte: Young, Klosko e Weishaar (2018).

Os modos de enfrentamento desadaptativos são o esforço da criança de se ajustar à vida, mesmo com carências emocionais em um ambiente prejudicial. Durante a infância esses modos de enfrentamento funcionavam, eram adaptativos. Entretanto, com frequência, são desadaptativos na vida adulta. O modo pais disfuncionais trata-se da introjeção dos modelos do pai ou mãe no início da infância do paciente, ou seja, tornam-se seus próprios pais e se tratam como os pais os tratam na infância (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008, p. 244).

Os Modos Esquemáticos são modelos característicos de funcionamento de uma pessoa, ou seja, a maneira como a pessoa se comporta em determinado momento, sobretudo nas relações interpessoais, nas quais há ativação emocional (WAINER *et al.*, 2016). Nos relacionamentos íntimos uma série de reações e respostas desadaptativas podem provocar uma interação nociva na relação, o que pode inviabilizar a validação e reconhecimento das necessidades emocionais da companheira ou companheiro.

Sob essa perspectiva, o presente trabalho busca analisar os EIDs e os MEs em mulheres vítimas de violência doméstica, já que o fenômeno ocorre, na maioria das vezes, em contexto de relacionamentos amorosos.

5. METODOLOGIA

5.1 TIPO DE PESQUISA

Trata-se de um estudo aplicado, exploratório com uma abordagem quantitativa-qualitativa, iniciado com a revisão integrativa da literatura e seguindo a campo sob a perspectiva teórica da Inserção Ecológica. Os instrumentos utilizados foram: Questionário de Esquemas (YSQ S3); Inventário de Modos Esquemáticos (SMI); e, entrevista padronizada com algumas perguntas objetivas e outras abertas. O estudo dos dados se deu a partir da teoria de análise de conteúdo de Bardin. A trajetória da análise seguiu as seguintes etapas: leitura flutuante, exploração do material, codificação, classificação e categorização.

A proposta da pesquisa foi investigar a relação entre Esquemas Iniciais Desadaptativos e Modos Esquemáticos com o fenômeno da violência doméstica contra a mulher. Para tal, buscou-se não apenas a mensuração dos instrumentos utilizados em campo, mas também a interseção e interlocução entre estudos anteriores, observações e vivências da pesquisadora em campo e o relato das mulheres, com isso, ampliando a visão e compreensão sobre o fenômeno da violência.

Optou-se por iniciar este estudo através da revisão integrativa, uma vez que este método de pesquisa objetiva fornecer um amplo entendimento sobre um determinado fenômeno tendo como base estudos anteriores (ROMAN; FRIEDLANDER, 1998). Isso posto, buscou-se por pesquisas publicadas sobre EIDs e ME em mulheres vítimas de violência doméstica.

Em conformidade com o passo a passo da revisão integrativa, partiu-se da pergunta norteadora: quais são os estudos existentes na literatura sobre terapia do esquema e mulheres em situação de violência? Assim iniciando a busca das publicações existentes através das plataformas Scielo, Lilacs, Pepsic e Apa PsycNet, com foco em artigos científicos, a partir dos descritores estabelecidos, conforme o subcapítulo 6.2 Revisão Integrativa da Literatura. É possível encontrar no mesmo capítulo os critérios de inclusão e exclusão.

Para o trabalho de campo, foi utilizado o método da Inserção Ecológica, trata-se de uma proposta metodológica desenvolvida por Cecconelo e Koller, com objetivo de orientar pesquisadores no campo de investigação. A metodologia está fundamentada na Teoria dos Sistemas Ecológicos, que propõem o estudo do desenvolvimento humano a partir de um modelo científico, que envolve a interação entre quatro núcleos: o processo, a pessoa, o

contexto e o tempo, denominado modelo bioecológico (KOLLER; CECCONELLO, 2016, p. 41).

O processo diz do modelo de interação do sujeito com o seu ambiente, outras pessoas, objetos e símbolos. A pessoa faz referência a características biológicas, físicas e psicológicas que na relação com o seu ambiente são produtos e produzem desenvolvimento e influenciarão os processos proximais por suas necessidades de recursos e forças. O contexto tem relação com o lugar imediato da pessoa, seja casa, escola, trabalho, entre outros, que permite uma troca face a face, onde haja estabilidade e reciprocidade, promovendo os processos proximais. O tempo perpassa todo processo do desenvolvimento, como a política e os valores dominantes (KOLLER; PALUDO; MORAES, 2016, p. 299).

A partir da Inserção ecológica desta pesquisa foram observados os quatro elementos do desenvolvimento humano, segundo Bronfenbrenner (1996): a pessoa, mulheres vítimas de violência que buscaram ajuda no equipamento; o processo, na relação dessas mulheres com as técnicas; o contexto, ou seja, a influência do ambiente do equipamento na vida dessas mulheres; e o tempo (macrotempo), ou seja o momento em que a pesquisa ocorreu, considerando o contexto da pandemia de COVID-19.

Compreendendo que o processo é, em especial, o principal mecanismo responsável pelo desenvolvimento humano a ser contemplado e pensado no método da Inserção ecológica (BRONFENBRENNER, 1996), buscou-se através do diário de campo registrar as interações e as relações de vínculo entre as mulheres e as técnicas do equipamento.

5.2 LOCAL DE ESTUDO

O local de estudos foi o CEAM (Centro Especializado de Atendimento à Mulher) da cidade de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, que iniciou suas atividades em fevereiro de 2005, sendo implementado como uma das ações prioritárias da CPM-NI (Coordenadoria de Políticas para Mulheres). Trata-se de um serviço gratuito às mulheres vítimas de violência doméstica, familiar e sexual, a partir dos 18 anos de idade, que fornece acolhida, orientação e acompanhamento com assistente social, psicóloga e advogada. Conta ainda com um atendimento psicopedagógico, iniciado em 2017, para as crianças, filhos e filhas, de mulheres vítimas de violência que apresentam dificuldades escolares.

Os atendimentos no equipamento se dão de forma individual e através de grupos de reflexão, buscando informar, orientar e fortalecer as mulheres atendidas. Além dos atendimentos, o CEAM intercambia com a CPM projetos de responsabilidade social:

Tabela 05 – Atividades desenvolvidas pela Coordenadoria de Mulheres em parceria com CEAM

Abraçando Vidas	Artesãs voluntárias da cidade de Nova Iguaçu confeccionam polvos de crochê para a maternidade pública local a fim de ajudar no tratamento de crianças prematuras.	Mensal
Passeios Culturais	Lazer e acesso à Cultura às mulheres Iguaquanas	Trimestral
Palestras de prevenção à Violência contra a Mulher	As atividades acontecem diversas instituições públicas e privadas da cidade	Quinzenal
Encontro “Lugar de Mulher é onde ela quiser...”	Encontro empoderamento feminino	Trimestral
Oficinas de Artesanato	Em parceria com a FENIG (Fundação Educacional e Cultural de Nova Iguaçu) com propósito de geração de renda e incentivo ao empreendedorismo de mulheres.	Semanal
Grupos de Reflexão – Poderosas Amigas da Mama	Destinado a mulheres que passaram ou estejam passando pelo Câncer de Mama, fornecendo apoio psicológico através de roda de conversa e dinâmicas de grupo	Quinzenal
Prefeitura Presente! (Ação Social)	Participação nas Ações promovidas pela Prefeitura para divulgação das atividades da CPM-NI, especialmente do CEAM	Bimestral
Atividades alusivas ao Dia Internacional da Mulher	Ações desenvolvidas no mês de março em alusão ao Dia Internacional da Mulher, onde as técnicas da CPM-NI ministram palestras em diferentes espaços e promovem atividades de valorização e empoderamento feminino	Anual
Campanha Outubro Rosa (Câncer de Mama)	Ações na Cidade de Nova Iguaçu para informação e prevenção do Câncer de Mama	Anual
Participação em Conferências,	Representação em diferentes Eventos com a presença de técnicas da CPM-NI	Semanal

Fóruns, Seminários, dentre outros, com temática relativa a mulher		
Projeto “Fundação Laço Rosa”	Disponibilização do transporte de mulheres com câncer de mama para atividade inclusiva na Fundação Laço Rosa	Mensal
Projetos desenvolvidos em parceria com a Secretaria Municipal de Educação	Participação de técnicas da CPM-NI na Rádio Tropical onde propõe-se discussão e reflexão de temáticas relativas às mulheres. 1	1- Mensal 2- A definir
Desenvolvimento de projetos pedagógicos nas escolas municipais. A definir Rádio Tropical	Desenvolvimento de projetos pedagógicos nas escolas municipais. 2	
Projeto Multiplicadores	Parceria com as Universidade da Cidade de Nova Iguaçu para oferecer ciclo de palestras sobre aspectos da Violência contra a Mulher	A definir

Fonte: elaborada pela autora.

Trata-se de um equipamento que está em constante movimento em ações e projetos que corroboram a vida das mulheres de toda comunidade de Nova Iguaçu.

5.3 PARTICIPANTES

A amostra da pesquisa foi composta por 20 mulheres, com idades entre 30 e 69 anos, vítimas de violência doméstica no contexto do relacionamento amoroso, que tiveram o primeiro atendimento pelo CEAM entre 2015 e 2021. As mulheres que compuseram esta pesquisa assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Todas as mulheres residiam na cidade de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, no período em que sofreram agressão.

5.4 INSTRUMENTOS

- Termo de consentimento livre e esclarecido

Documento que esclarece resumidamente o teor da pesquisa, bem como todo o procedimento que será adotado, além de informações como nome, contato e endereço da pesquisadora e da instituição pela qual a pesquisa será realizada. São garantidos, através do termo, a confidencialidade e o anonimato. A voluntária, após esclarecida sobre o estudo, caso de acordo, assina o documento consentindo sua participação e o uso dos dados.

- Questionário de Esquemas de Young – versão reduzida (*Young Schema Questionnaire* YSQ-S3)

O Questionário de Esquemas de Young, versão reduzida com 90 questões, avalia 18 Esquemas Iniciais Desadaptativos (WAINER *et al.*, 2016): Privação Emocional; Abandono; Desconfiança/Abuso; Isolamento Social/Alienação; Defectividade/Vergonha; Fracasso; Dependência/Incompetência; Vulnerabilidade; Emaranhamento; Subjugação; Autossacrifício; Inibição Emocional; Padrões Inflexíveis; Grandiosidade/ Arrogo; Autocontrole e Autodisciplina Insuficientes; Busca de Aprovação; Negativismo; Postura Punitiva. Trata-se de um instrumento de uso livre, que foi traduzido e adaptado por J. Pinto Gouvea, D. Rijo e M. C. Salvador. Os itens do questionário referem-se a crenças e pressupostos típicos de cada EID. Essa forma mais reduzida é mais rápida, menos cansativa e constam as sentenças de maior representatividade de cada EID (WAINER *et al.*, 2016). Trata-se então de um instrumento de auto-aplicação, no qual o sujeito se auto-avalia em relação ao quanto cada afirmativa o descreve a partir de uma escala Likert de 6 pontos, sendo: de 1 = completamente falso, isto é, não tem absolutamente nada a ver como que acontece comigo, a 6 = descreve-me perfeitamente, isto é, tem tudo a ver com o que acontece comigo. Os resultados serão avaliados de forma quantitativa a partir da média de cada esquema, compreendendo como um EID ativado a partir de escore médio de 4,5, mas haverá uma avaliação qualitativa das afirmativas, considerando as frases com maior pontuação (5 ou 6), objetivando mapear padrões cognitivos e emocionais da amostra de mulheres.

- Inventário de modos (SMI)

O inventário de modos (*Schema Mode Inventory* - SMI), traduzido e adaptado para uso no Brasil, trata-se de uma versão curta, de 124 itens, que avalia a existência de 14 modos esquemáticos a partir da teoria de Jeffrey Young. São eles: Criança Vulnerável, Criança

Zangada, Criança Impulsiva, Criança Indisciplinada, Criança Raivosa, Criança Feliz, Capitulador Complacente, Protetor Desligado, Protetor Auto-aliviador, Auto-engrandecedor, Intimidação e Ataque, Pais Punitivo, Pais Exigente/críticos, Adulto Saudável. O inventário permite uma avaliação abrangente sobre o funcionamento esquemático do sujeito, se propondo a investigar os estilos de interação com o mundo a partir da ativação dos EIDs e suas estratégias de enfrentamento (WAINER *et al.*, 2016). O questionário apresenta afirmações que devem ser respondidas com base numa escala de frequência que vai do 1 (Nunca) ao 6 (o tempo todo). A correção é com base nas médias obtidas, assim, as pontuações mais altas refletem uma elevada frequência de ativação de cada Modos de Esquema em específico. O instrumento foi traduzido e adaptado para uso no Brasil, para adultos a partir de 18 anos, por Elisa Steinhorst Damasceno, Lauren Heineck de Souza e Margareth da Silva Oliveira. Para uso nesta pesquisa, foi solicitada e concedida a devida autorização para uso do inventário e folha de correção.

- Entrevista semiestruturada

A entrevista foi desenvolvida pela pesquisadora com o propósito de coletar dados sobre o histórico e as experiências de violência doméstica da amostra de mulheres. Constou na entrevista (Apêndice A) dados sociodemográficos como idade, escolaridade, entre outros. A entrevista é padronizada com algumas perguntas objetivas e outras abertas. Constarão perguntas estruturadas e organizadas igualmente para todas as entrevistadas. A entrevista seguirá um roteiro com as seguintes temáticas: o que é violência doméstica? Qual é o papel da mulher? Histórico familiar de violência doméstica e experiências atuais.

5.5 PROCEDIMENTO

5.5.1 Coleta de dados

A coleta de dados teve início após a aprovação da pesquisa junto ao comitê de ética. Mulheres vítimas de violência doméstica que receberam ou estiveram em atendimento pelo CEAM-NI foram convidadas a participar da pesquisa voluntariamente, após esclarecimentos sobre o estudo e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As voluntárias receberam o convite para compor o estudo, através das técnicas do Equipamento e da pesquisadora, por meio de contato telefônico ou mensagem (*WhatsApp*

oficial da instituição). Foram agendados dias e horários específicos para coleta de dados. O local onde aconteceu a pesquisa foi um espaço reservado garantindo o sigilo das informações.

Em função do contexto de pandemia de COVID-19 e o cuidado em não promover aglomerações, a pesquisa precisou acontecer de maneira individual com apenas uma voluntária por encontro. Toda a pesquisa de campo foi desenvolvida pela pesquisadora, não sendo possível, nesse cenário de pandemia, o suporte presencial das estagiárias de psicologia, que participaram deste estudo realizando as transcrições das entrevistas.

Os encontros da pesquisadora com as voluntárias seguiram todos os protocolos de segurança do Ministério da Saúde para evitar contágios pelo novo coronavírus. Foi aplicada a entrevista padronizada, com perguntas fechadas e abertas, na qual constou informações sociodemográficas, um rastreamento sobre histórico de violência, tanto no âmbito familiar durante a infância e adolescência, como em relacionamentos atuais, a seguir o Questionário de Esquemas, versão reduzida, e por último o Inventário de Modos Esquemáticos.

O tempo de duração dos encontros foi bastante variado, dependendo da dificuldade das voluntárias, da necessidade de fala ou de aproximação com a pesquisadora. Como possuem uma boa relação de vínculo com as técnicas do equipamento, era esperado da pesquisadora o mesmo acolhimento e receptividade, por vezes, minimamente, uma breve conversa sobre violência doméstica, sobre a importância da pesquisa, sobre a história de vida da voluntária. O encontro variou entre 1h30m até 4h de duração.

A título de complementaridade, as informações sobre raça, tempo de acompanhamento no equipamento e tempo no qual a violência perdurou foram coletadas do Formulário de Protocolo de Atendimento do equipamento.

5.5.2 Questões éticas e sanitárias relacionadas à pesquisa

A pesquisa foi submetida ao comitê de ética via Plataforma Brasil aprovado sob a inscrição 4.590.994. Sendo orientada de acordo com a Resolução 466/12 do CNS (Conselho Nacional de Saúde), que regulamenta a participação de seres humanos em pesquisa. Ademais, todas as participantes foram esclarecidas quanto à pesquisa e sua participação de forma voluntária, bem como receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para coleta de dados foi utilizada uma das salas de atendimento às mulheres vítimas de violência no próprio equipamento, por vezes o auditório, garantindo o sigilo das informações.

Todos os dados da pesquisa estão em confidência e foram utilizados exclusivamente para fins científicos. Os mesmos estarão devidamente arquivados sob a guarda de Ana Cláudia de Azevedo Peixoto, pelo período de 5 anos após o término da pesquisa, na Rodovia BR 465, Km 07, s/n Zona Rural, Seropédica, Rio de Janeiro, CEP 23.890-000.

Todas as providências sanitárias em função da pandemia de COVID-19, conforme orientação do Ministério da Saúde, estavam implementadas no equipamento e foram seguidas rigorosamente pela pesquisadora e pelas voluntárias. O equipamento funcionou com o público reduzido, sem aglomerações no local, todas as salas possuíam álcool em gel disponível ao público, todos os funcionários estavam trabalhando em sistema de plantão e a utilização de máscara era obrigatória no local.

Os riscos deste estudo é provocar algum nível de cansaço, constrangimento ou desconforto, sentimentos de ansiedade ou tristeza, em função de rememorar experiências de violência.

A pesquisa tem como benefício à construção de conhecimento sobre a temática da violência doméstica e contribuir como base para ações de prevenção e enfrentamento à violência doméstica contra a mulher.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

6.1 ANÁLISE DOS DADOS

A análise de dados foi desenvolvida em duas etapas: a primeira através da Revisão Integrativa da literatura e a segunda por meio do levantamento de dados da pesquisa de campo. Inicialmente, foram analisados os dados do diário de campo e das perguntas fechadas da entrevista. As respostas do trabalho de campo foram tratadas a partir da metodologia de análise de conteúdo de Bardin, seguindo as três fases fundamentais propostas pela autora: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados - a inferência e a interpretação (BARDIN, 1977, p. 95). O conteúdo quantitativo do estudo com base no Questionário de Esquemas e o Inventário de Modos foram avaliados em formas de porcentagem e médias. Ao final, os dados objetivos e quantitativos foram cruzados e analisados com os dados subjetivos e qualitativos e a análise do conteúdo das entrevistas.

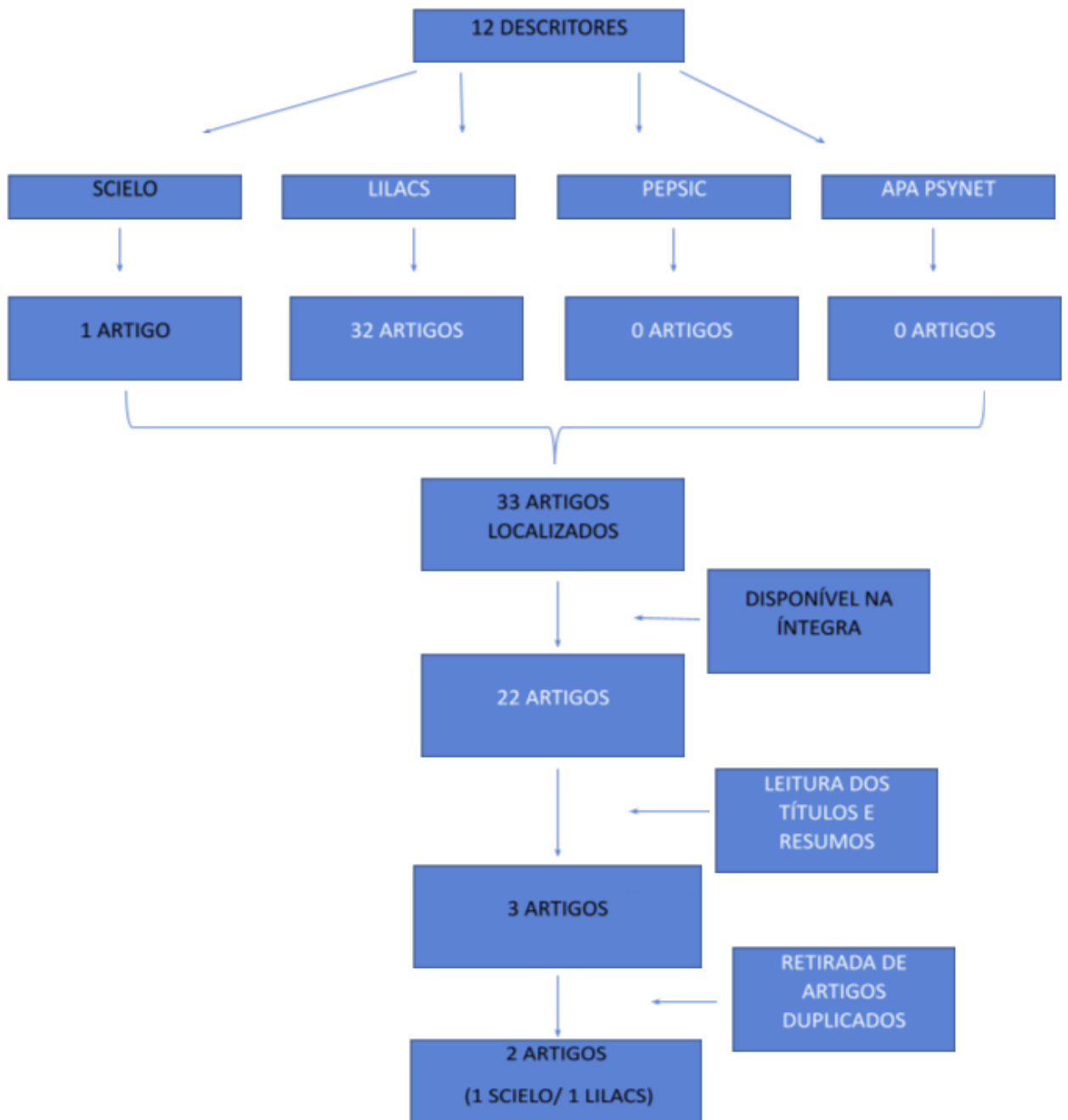
6.2 REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

O presente capítulo trata do levantamento e estudo bibliográfico nacional através do método da Revisão Integrativa da Literatura, com o objetivo de reunir conhecimento científico que verse sobre Esquemas Iniciais Desadaptativos e Modos Esquemáticos em mulheres vítimas de violência. Optou-se por esse modelo de revisão por tratar-se de uma abordagem metodológica ampla, uma vez que viabiliza a inclusão de vários estudos, como os estudos experimentais e não experimentais para compreensão do fenômeno analisado (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Através das plataformas de busca Scielo, Lilacs, Pepsic e Apa PsycNet, buscou-se artigos científicos a partir dos seguintes descritores: Modos Esquemáticos em mulheres vítimas de violência; Modos Esquemáticos em mulheres em situação de violência; Modos Esquemáticos e violência de gênero; Modos Esquemáticos e violência contra mulher; Modos Esquemáticos e violência doméstica; Esquemas Iniciais Desadaptativos e violência contra mulher; Esquemas Iniciais Desadaptativos e violência de gênero; Esquemas Iniciais Desadaptativos e mulheres em situação de violência; Esquemas Iniciais Desadaptativos e violência doméstica; Terapia do Esquema e violência contra mulher; Terapia do Esquema e violência de gênero; Terapia do Esquema e violência doméstica.

Os critérios para inclusão dos artigos foram: textos disponíveis na íntegra, escritos em língua portuguesa ou inglês e estudos indexados nos referidos bancos de dados nos últimos dez anos (2010 – 2020) que se comunicassem com a temática.

Tabela 06 – Revisão Integrativa



Fonte: elaborada pela autora.

Não foram encontrados através da revisão artigos que se refiram especificamente aos EIDs e Modos Esquemáticos em mulheres vítimas de violência. Entretanto, foram encontrados dois artigos que se comunicam com a temática. O primeiro, cuja autoria é de Kelly Cardoso Paim e Denise Falcke (2018), tem como título “As experiências na família de origem e os esquemas precoces desadaptativos como preditores de violência conjugal em homens e mulheres”. O segundo, “Preditores da Violência Física Conjugal: Características Pessoais e Relacionais”, tem como autoras Karla Rafaela Haack, Juliana Pressi e Denise Falcke (2018).

O primeiro artigo trata de um estudo sobre violência conjugal, no qual se busca identificar as variáveis que são preditoras desse fenômeno a partir da visão da teoria dos Esquemas de Jeffrey Young. A proposta seria investigar a família de origem e os Esquemas Iniciais Desadaptativos como preditores de violência física através de uma amostra de 181 homens e 181 mulheres. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados *Young Schema Questionnaire (YSQ-S3)* e *Revised Conflict Tactics Scale (CTS2)*. A análise de dados se deu por meio da análise de regressão controlada com o método Stepwise. Os resultados do estudo apontaram como variáveis preditoras de violência física contra o cônjuge, esquema de defectividade/vergonha em mulheres e homens e esquema de desconfiança/abuso em homens. Em contrapartida, um maior ajuste materno foi considerado como uma variável protetora de violência cometida entre mulheres. Sobre a vitimização da violência: esquemas de defectividade/vergonha em mulheres e homens e esquema de desconfiança/abuso em homens foram percebidos como preditores de violência física sofrida nas relações íntimas. Já a maior funcionalidade do estilo de decisão materno foi percebido como protetor de violência-vitimização para violência para mulheres.

O segundo artigo teve por objetivo compreender a influência preditiva da experiência na família de origem, EIDs, amor, ajustamento conjugal e clima familiar para ocorrência de violência física. Tratou-se de um estudo quantitativo, correlacional e explicativo, no qual participaram 186 homens e 186 mulheres na faixa etária de 19 a 81 anos da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Todos casados (oficialmente ou coabitavam), em um relacionamento que durava entre 1 e 56 anos. A maioria dos voluntários estava empregada e tinha filhos. Os instrumentos utilizados foram: Questionário de Dados Sociodemográficos; Subescalas das questões de antecedentes familiares (FBQ), Questionário de Esquema

Desadaptativo Jovem (YSQ), Escala Triangular do Amor (TLS), Escala de ajuste diádico (DAS), Inventário de Clima Familiar (ICF) e Escalas revisadas de táticas de conflito (CTS2). O artigo descreve uma perspectiva da violência conjugal sob um olhar bilateral, ou seja, do homem para a mulher, mas também da mulher para o homem, oferecendo, assim, subsídios para o entendimento sobre violência e corroborando para formação de profissionais que atuam em cuidar de vítimas de violência e gerenciar intervenções para casais. O resultado da pesquisa aponta evidências da associação entre as variáveis estudadas. E também como variáveis, conflito familiar e abuso sexual na infância foram preditoras da violência física cometida pelas mulheres, enquanto que a insatisfação conjugal foi a variável preditora da violência conjugal cometida pelos homens. O estudo mostra que o fenômeno da violência é multideterminado, o que exige dos profissionais que atuam nessa área ações que contemplem tal característica.

Os dois artigos indicam dados correlacionando os EIDs como uma das variáveis preditoras de violência, mas deixam claro que o fenômeno da violência é multifatorial e as variáveis não são deterministas.

6.3 PESQUISA DE CAMPO COM AS MULHERES

A pesquisa de campo foi dividida em duas fases: a primeira com a inserção em campo da pesquisadora, a fim observar e conhecer o CEAM, a Equipe, a dinâmica de atividades e as mulheres atendidas; a segunda com os encontros para aplicação dos instrumentos (entrevista, Questionário de Esquemas e Inventário de Modos). Em cada uma das etapas utilizou-se o diário de campo, objetivando os registros das vivências e percepções da pesquisadora.

Nos capítulos a seguir, apresento as análises realizadas a partir de cada etapa, divididas da seguinte maneira: diário de campo; entrevista (dados sociodemográficos e análise de conteúdo); Questionário de Esquemas e Inventário de Modos Esquemáticos.

6.3.1 Diário de campo

Em pleno caos pandêmico, o macrotempo da pesquisa, a decisão de manter a pesquisa em campo deu-se principalmente pelo cuidado em garantir que nenhuma voluntária, em função da pesquisa, ficasse mais vulnerável à violência por estar em isolamento social com seu agressor. Assim, fui a campo sozinha seguindo as necessárias restrições do Ministério da Saúde, sem o suporte presencial das estagiárias de psicologia.

A inserção ecológica e o acompanhamento longitudinal no equipamento iniciaram-se em outubro de 2020. Fui convidada a participar da atividade de grupo que acabava de ser retomada com medidas restritivas. Esses encontros aconteciam frequentemente ao longo do ano, entretanto, após uma primeira suspensão em função da pandemia, o grupo reiniciou com número bem reduzido de mulheres.

A cada 15 dias, um encontro, um momento de troca, reflexão e empoderamento. As técnicas guiavam os grupos como facilitadoras, abordando temas sobre saúde, autoestima, autocuidado, entre outros. Todas as participantes assinam um termo de convivência no qual consta, por exemplo, o sigilo sobre o que é dito.

O grupo é um espaço de fala no qual cada mulher presente pode participar. Ao longo dos encontros, os vínculos são ainda mais fortalecidos entre todas. Os encontros terminavam com um momento de confraternização, um café, um bolo e um lanchinho. Enquanto ouvinte, fui me inserindo e sendo inserida. É um movimento natural do grupo: ali somos todas mulheres dividindo experiências e conhecimento.

O local de reunião do grupo foi um pequeno auditório, enfeitado com flores coloridas feitas pelas próprias usuárias do equipamento em oficinas de artesanato. Essas oficinas aconteciam regularmente antes da pandemia. Atualmente, com o avanço da vacina e diminuição dos casos de COVID-19, as atividades aos poucos vão sendo retomadas. Por exemplo, está em andamento a primeira oficina de defesa pessoal. Além disso, o equipamento tem várias ações educativas e informativas na comunidade.

Existe, no equipamento, um trabalho incrível de suporte psicopedagógico com as crianças, filhos e filhas, das mães vítimas de violência. A demanda de intervenções com essas crianças é bastante grande. É frequente o impacto no processo de aprendizagem dessas crianças, depois de tanto tempo expostas à violência em seus lares. A psicopedagoga faz um trabalho individualizado com elas, em uma sala devidamente decorada e lúdica. Há situações nas quais a psicopedagoga faz, inclusive, interface com a escola dessas crianças, buscando oferecer o máximo de suporte, com isso, mitigando os problemas de aprendizagem desses meninos e meninas.

O local onde funciona o equipamento é bastante cuidado pela equipe, decorado com vasinhos de flores e frases de empoderamento feminino nas paredes. Durante o tempo que estive lá, pude perceber que toda a equipe é muito receptiva e acolhedora. Fato relatado

também pelas usuárias. Ao longo do tempo, fui inserida no equipamento a tal ponto de me sentir parte da equipe. Nos dias em que estava lá, tomávamos café juntos ou fazíamos refeição.

A coleta de dados foi iniciada após o período de 6 meses de inserção da pesquisadora no equipamento. Isto colaborou para a aproximação com as usuárias, com as técnicas e para conhecimento da dinâmica de funcionamento da instituição. Com isso, o desafio posto da pesquisa, de, em pleno cenário de pandemia de COVID-19, ter voluntárias para participarem de forma presencial da amostra, foi transposto. A instituição disponibilizou não só os contatos das usuárias como também o telefone do equipamento para a pesquisadora fazer as ligações. Sendo assim, os convites para participar da pesquisa foram ou por uma técnica ou através da ligação da própria pesquisadora para as usuárias.

O vínculo construído entre a pesquisadora, as técnicas e as usuárias foi fundamental para realização dessa pesquisa, uma vez que essas mulheres, em sua maioria, deslocaram-se até a instituição apenas para colaborar com o estudo. São mulheres que já haviam passado ou iniciado acompanhamento psicológico na instituição, sendo assim, as psicólogas avaliaram como estando em condições de menor vulnerabilidade e em condições de participar da pesquisa, o que ratifica o cuidado das técnicas no atendimento dessas mulheres em situação de violência.

Ao longo do período de um pouco mais de um ano em que frequentei o equipamento, através desse processo proximal, pude observar a intervenção da pesquisa no CEAM. Houve um intercâmbio entre as técnicas do equipamento com a Universidade, através da participação dessas em eventos acadêmicos, contribuindo com suas experiências e formação. Tal situação, de alguma maneira, colaborou para o desejo de algumas delas em investir em suas formações, por exemplo, através de futura candidatura ao mestrado.

Foi iniciado, no equipamento, fomentado também pela inserção da pesquisa no CEAM, um grupo de estudos sobre violência contra a mulher. O objetivo dos encontros é construir, de forma colaborativa, conhecimento sobre a temática a partir de estudos e pesquisas acadêmicas. Para cada encontro há um facilitador que sugere um texto para leitura e compartilha com os demais. Durante o estudo, todos contribuem com suas percepções sobre o texto a partir também de suas experiências.

É fundamental destacar a relação de vínculo entre técnicas e usuárias do equipamento. Existe um aspecto reparador nessas relações para as mulheres que são atendidas. Observei que, com frequência, ao chegarem ao local da pesquisa, essas mulheres buscavam pelas técnicas, ou as técnicas por elas, havia um momento de troca, uma relação construída, o desejo de compartilhar, como se aquele local e aquelas técnicas fossem uma família.

Paim (2019) diz que as relações interpessoais contribuem para um ciclo saudável e pessoas com dificuldades no âmbito dos relacionamentos amorosos podem beneficiar-se ao estabelecer conexões com pessoas saudáveis de um grupo social. Nessa perspectiva, pode-se avaliar que o modelo de relação saudável entre as técnicas e as usuárias pode atender em alguma medida as necessidades emocionais das mulheres vítimas de violência, dentro dos limites dessa relação.

6.3.2 Entrevistas

6.3.2.1 Dados sociodemográficos e de violência

A seguir, na tabela 7, os dados demográficos das 20 mulheres da amostra (idade, escolaridade, filhos, religião e raça).

Tabela 07 – Dados demográficos da amostra

Parâmetros	Dados	(%)
Idade (anos)		
Mín-máx	30 - 69	
Escolaridade		
Fundamental completo	6	30,00%
Médio completo	4	20,00%
Superior incompleto	2	10,00%
Superior completo	8	40,00%
Filhos		
Sem filhos	2	10,00%
Um filho	5	25,00%
Dois ou mais filhos	13	65,00%
Religião		
Cristã (católicas e protestantes)	16	80,00%
Outras religiões	2	10,00%
Sem religião	2	10,00%
Raça (Como se autodeclaram)		

Pretas ou Pardas	11	55,00%
Branças	9	45,00%

Fonte: elaborada pela autora.

A primeira informação a ser destacada é a faixa etária da amostra de mulheres, que vai dos 30 aos 69 anos. Esta coaduna com a média estatística apontada pelo Dossiê da mulher 2021, do Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, sobre o perfil etário da maioria das mulheres vítimas de violência no estado, no qual aponta a idade de 30 a 59 anos.

Na amostragem de mulheres deste estudo, 40 % possui graduação e 10% informou ter graduação incompleta, perfazendo um total de 50% das mulheres com acesso ao ensino superior. Diferentemente de outros estudos que apontam a variável educacional como fator de proteção (VIEIRA *et al.*, 2013), na presente pesquisa, o nível acadêmico parece não ter sido significativo para prevenir a violência doméstica, entretanto pode ter atuado como fator de estímulo para a denúncia e busca de auxílio para saírem da situação de violência.

Outro dado importante é que apenas 10% da amostra não têm filhos. Este dado ganha relevância quando os relatos das mulheres revelam que ter filhos é uma variável que dificulta o rompimento de uma relação violenta, por exemplo: “Eu não tive aquela coisa de pai, queria que meus filhos tivessem” (ENTREVISTADA 14). A entrevistada 13 relatou: “Meus filhos eram apegados ao pai” (ao se referir à dificuldade de romper com o relacionamento). Souza e Ros (2006) apontam a criação dos filhos como um fator importante para a permanência das mulheres em relações violentas, pois, com frequência, acreditam ser necessária a presença da "figura paterna" na educação das crianças.

Outro dado relevante, o número de mulheres da amostra com formação religiosa cristã foi de 80%. Este é um dado de extrema significância, já que a religião é uma instituição formadora de sentido e comportamentos morais. Torna-se imperiosa essa discussão, uma vez que a construção social do papel da mulher é atravessada pelas concepções do ensino religioso e este pode potencializar as desigualdades entre homens e mulheres e favorecer a violência de gênero.

O termo “gênero” compreende uma relação social que se constrói ao longo da história e que determina, de acordo com o sexo biológico (masculino ou feminino), quais papéis, comportamentos e funções cada sujeito deverá desempenhar na sociedade. É assim que as diferenças biológicas se convergem em desigualdade, cria-se então um sistema simbólico em que as relações entre homens e mulheres passam a ser assimétricas, e constitui hierarquias

sociais nas quais as mulheres são vistas em posição de submissão em relação aos homens (ALMEIDA, 2007).

Ao pensar a religião como reforçadora da desigualdade de gêneros e, conseqüentemente, propulsora dessa violência, Vilhena (2010) destaca que esse tipo de violência está implicado na retórica religiosa cristã, que apoia a subordinação da mulher até o extremo.

Como questionar a dominação se ela não se revela enquanto tal para os sujeitos dominados e, no caso da religião, se apresenta como designação divina? Como concorrer com as diversas instituições sociais, religiosas inclusive, reforçadoras de sistemas de sentido generificados que condenam as mulheres à secundariedade? (SOUZA, 2010, p. 19)

Oliveira (2012) chama atenção para a perspectiva de uma sociedade que ainda é patriarcal e machista, predominando o controle do macho sobre a fêmea. Essa hegemonia masculina contribui para a ampliação da violência. Há estudos que mostram que, quanto maior a hierarquia familiar, maior será a violência nas relações conjugais (OLIVEIRA, 2012 apud HAAK; PRESSI; FALCKE, 2018, p. 248).

Outro dado importante nesta pesquisa versa sobre a questão racial. Ao considerar temática racial em sua articulação com o fenômeno da violência doméstica, a variável cor da pele apresentou que 55% das mulheres desta pesquisa se autodeclararam pretas ou pardas, resultado esse que converge com os dados do Dossiê da Mulher 2021, o qual destaca que as mulheres vítimas de violência em 2020 no estado do Rio de Janeiro foram as negras e pardas em sua maioria.

Aí ela (mãe) arrumou o quarto com o terceiro companheiro. Como a gente tinha registro, o companheiro pegou e registrou minha irmã mais velha e ela era branquinha, loira, loira, loirinha. E ele amou muito ela, e eu fiquei de lado. Então minha trajetória começou o inferno aí. Apanhei muito desse padrasto[...] Ele não foi nada bom pra mim[...] Ele faleceu, graças a Deus. (ENTREVISTADA 7, autodeclarada mulher preta)

Pereira (2013) diz que é possível inferir que a relação gênero e cor/raça transcende uma “soma” de opressões. São dimensões que atuam juntas, por isso é preciso pensá-las de maneira simultânea e articulada. No Brasil, isso torna-se ainda mais relevante, já que as relações sociais de cor/raça são inegáveis. A maneira como as relações raciais emergem nos discursos acadêmicos, a maneira como atravessa, orienta e dá sentido nas interações entre os indivíduos, instituições e coletividade, as persistentes desigualdades sociais, faz inevitável um olhar atento sobre o estudo de gênero e cor/raça.

A seguir dados sobre a violência doméstica sofrida pela amostra de mulheres.

Tabela 08 – Dados sobre a violência doméstica sofrida

Tipos de violência sofrida Lei Maria da Penha(11.340/2006)	Dados (amostra)	(%)
Violência Física	16	80,00%
Violência psicológica	20	100,00%
Violência sexual	12	60,00%
Violência patrimonial	19	95,00%
Violência Moral	19	95,00%
Relatou tentativa de feminicídio		
Sim	3	15,00%
Não	17	85,00%
Tempo que esteve em situação de violência		
Menos que 1 ano	0	0,00%
1 à 5 anos	5	25%
6 à 10 anos	6	30,00%
Mais de 11 anos	7	35,00%
Sem registro	2	10,00%
Atualmente está em uma relação violenta		
Sim	2	10,00%
Não	18	90,00%
Sofreu violência antes do período de pandemia por COVID-19		
Sim	19	95,00%
Não	1	5,00%
Sofreu violência durante do período de pandemia por COVID-19		
Sim	10	50,00%
Não	10	50,00%

Fonte: elaborada pela autora.

Quanto aos tipos de violência vivenciado pelas participantes da pesquisa: violência psicológica (100% das mulheres), na sequência a violência patrimonial e moral (95%), a violência física (80%), a violência sexual com (65%) e 15% relatou ter sofrido tentativa de

feminicídio. Ao analisar esses dados fica bastante evidente que no momento da denúncia essa mulher já foi vítima de mais de um tipo de violência.

Somando o número de mulheres que estiveram em situação de violência há mais de 6 anos, têm-se um total de 65% da amostra. Observa-se o prolongamento desses relacionamentos e dificuldade dessas mulheres no rompimento dessas relações violentas, nessa ótica, a TE relaciona nossas preferências amorosas e a manutenção de relacionamentos danosos à sensação que é vivenciada pela ativação de um ou mais EIDs (ATKINSON, 2012 apud PAIM; CARDOSO, 2019). Segundo Paim (2019), essa experiência pode ser denominada de química esquemática. Sobre esse ponto, o próximo capítulo, “Esquemas Iniciais Desadaptativos”, abordará maiores esclarecimentos sobre o fenômeno.

Foi possível averiguar também que, no momento da coleta de dados da pesquisa, 90% das participantes já não estavam mais em uma relação violenta. Esse número reflete os critérios de inclusão adotados pelo equipamento para indicar as mulheres que participariam da pesquisa, mulheres que tivessem passado pelos atendimentos protocolares do equipamento (Psicologia, Assistência Social e Jurídico), este critério serviria para garantir que as voluntárias estivessem em condições emocionais de participar da pesquisa. Com isso, 95% da amostra de mulheres sofreu violência antes do período de pandemia, 50% também sofreu violência no período de pandemia e 5 % sofreu violência apenas na pandemia.

Ao serem questionadas sobre as maiores dificuldades em romper com uma relação violenta, a tabela a seguir descreve:

Tabela 09 – A maior dificuldade para romper com um relacionamento violento

	Dados (amostra)	(%)
Dependência financeira/patrimonial	8	40,00 %
Família/filhos	6	30,00 %
Dependência emocional	5	25,00 %
Medo	2	10,00 %
Pena do agressor	1	5,00 %
Falta de informação	1	5,00 %
Esperança	1	5,00 %
Apoio	1	5,00 %

Tomar decisão	1	5,00 %
---------------	---	-----------

Fonte: elaborada pela autora.

A partir dos dados acima, fica explícito que as relações de dependência aparecem no relato das mulheres como maior dificuldade no rompimento de um relacionamento violento. Como descrito anteriormente, essa dificuldade está relacionada também à química esquemática dessas relações (PAIM; CARDOSO, 2019). Mizuno, Fraid e Cassab (2013) relatam que mulheres em situação de violência podem demorar muito tempo para romper com seus agressores, trata-se de um desenlace bastante difícil, com idas e vindas, dúvidas e medos, muito dependente do grau de envolvimento emocional, dos riscos a serem enfrentados, e mais ainda, do suporte recebido por familiares, amigos, profissionais, com os quais a vítima tem contato.

É necessário compreender também que mulheres em relação de dominação com frequência são isoladas, sendo proibidas de fazer amizades, de visitar familiares, ficando só em suas casas (MIZUNO; FRAID; CASSAB, 2013). Este fato enfraquece a rede de apoio dessas mulheres, bem como suas conexões. Nesta pesquisa, 75% das mulheres relataram possuir uma rede de apoio, entretanto ao especificar quem seria essa rede, 40% delas citou o equipamento (CEAM) como fonte de apoio, revelando a falta de uma rede emocional ou social em outros contextos.

6.3.2.2 Categorias para Análise de Conteúdo

Através das histórias de vida, foi possível avaliar e identificar EIDs (PAIM; COPETTI, 2016). Isto posto, a partir da visão da Terapia do Esquema, buscou-se no relato das mulheres elementos que evidenciassem o desenvolvimento de EIDs e como estes se relacionariam na promoção e na manutenção do fenômeno da violência.

Nos relatos das mulheres, foi possível observar que algumas temáticas se apresentavam de modo recorrente e sistemático. Deste modo, foi realizada análise dividida em duas categorias: violência no contexto da família nuclear e a formação de Esquemas Iniciais Desadaptativos e a transgeracionalidade da violência doméstica contra a mulher.

6.3.2.2.1 *Violência no contexto da família de origem e a formação de Esquemas Iniciais Desadaptativos*

Durante as entrevistas ficou bastante evidente a frequência de relatos de vivências de violência durante a infância. Um total de 80% da amostra de mulheres trouxe em suas falas histórias de violência no contexto da família de origem.

[...] um ambiente muito sofrido, porque meu pai bebia, tinha mulheres na rua, deixava a gente passar necessidade. Foi um ambiente muito sofrido mesmo. Ele (pai) era muito agressivo [...] nossa, meu Deus... que infância (ENTREVISTADA 12).

Meu pai desapareceu quando eu tinha 6 anos, sempre sumiu porque usava drogas naquela época [...] aí ela (mãe) arrumou o quarto com o terceiro companheiro. Como a gente tinha registro, o companheiro pegou e registrou minha irmã mais velha e ela era branquinha, loira, loira, loirinha. E ele amou muito ela, e eu fiquei de lado. Então minha trajetória começou o inferno aí, apanhei muito desse padrasto [...] ele não foi nada bom pra mim [...] ele faleceu, graças a Deus. Eu achava que meu pai iria voltar para me resgatar, eu sempre tinha isso que meu pai ia me salvar daquilo [...] eu chorava muito, todos os dias, quando Fábio Júnior fez aquela música do Pai Herói, acabava comigo, que aquela música quando tocava eu sofria, porque eu ficava pedindo a Deus para esse cara aparecer (ENTREVISTADA 7).

Os primeiros cuidadores de uma criança são fundamentais para o desenvolvimento pleno desta, já que o indivíduo se desenvolve emocionalmente saudável quando suas necessidades básicas são atendidas, permitindo que a criança alcance a tarefa evolutiva presente em cada fase. Na primeira etapa evolutiva, a criança necessita de cuidado, empatia, amor, estabilidade e segurança. Na segunda fase, é preciso prover ao infante a capacidade de funcionamento independente e autônomo. Na terceira etapa, é importante suprir a necessidade de limites realistas e relações de reciprocidade. O quarto momento diz da importância de liberdade, de seguir suas próprias inclinações. A última fase é a “necessidade de relaxamento e a construção de relacionamentos íntimos que devem ser estimulados” (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008, p. 25).

Nessa perspectiva, não ter suas necessidades emocionais supridas nos primeiros anos do desenvolvimento se torna um fator importante na formação dos EIDs. A interação entre temperamento e experiências precoces adversas podem dar origem aos EIDs. Dificuldade de vínculo com cuidadores e outras figuras de referência da criança frequentemente está presente em patologias severas. E as dificuldades na vinculação afetam de maneira expressiva o modo como os indivíduos se relacionam com outros adultos (RIJO, 2019, p. 13). Ao que parece, os modelos de relações violentas às quais essas mulheres foram continuamente expostas durante

suas infâncias são internalizados como guia para relações futuras, tal como é possível observar na fala abaixo:

Eu fui criada pela minha avó, a minha mãe que me maltratava muito, entendeu? Eu até abusada eu tinha sido, por isso tomo Clonazepam, é remédio para dormir [...]; eu sei que minha mãe me batia muito, aí dá minha mãe não tenho nada pra falar de bom (voz de choro); meu tio abusava muito de mim, entendeu? Me ameaçava e eu não podia falar com a minha avó (ENTREVISTADA 8).

A entrevistada 8 apresentou EIDs, por exemplo, de Privação Emocional e Abandono, esquemas de primeiro domínio, ou seja, não teve suas necessidades básicas de cuidado, amor e segurança atendidas. Conforme relatado por ela, no contexto da sua família nuclear, ela foi rejeitada e abusada. A revisão da literatura aponta que esquemas de primeiro domínio estão, em grande parte, associados à manutenção de relações violentas (PAIM; FALCKE, 2018).

Uma das principais formas de estresse na infância é exposição continuada à violência, o que pode provocar mudanças comportamentais e neuroendócrinas no sujeito em situações de perigo, ampliando sua vulnerabilidade a sintomas como medo, insônia, alteração de apetite e isolamento social, além de ser nocivo no desenvolvimento e manutenção dos EIDs (WAINER *et al.*, 2016, p.33), tal questão foi possível observar no relato das entrevistadas abaixo:

Ambiente confuso de violência verbal, criança não tinham voz, não tinha um cuidado do que dizia, tipo sua mãe não te quis; eu não sabia que podia falar e me expressar, aprendi na vida adulta (ENTREVISTADA 14).

Meus pais se separaram quando eu tinha 7 anos por motivo de violência, meu pai agredia minha mãe (ENTREVISTADA 9).

Ela (mãe) se relacionou com algumas pessoas né, inclusive passando por situações de violência com essas pessoas (ao se referir sobre os relacionamentos da mãe), porque a gente morava tudo junto [...] tinha agressões físicas e sexuais, minha irmã foi violentada pelo meu padrasto, eu acordei algumas vezes com um deles passando a mão em mim (ENTREVISTADA 18).

6.3.2.2.2 A transgeracionalidade da violência doméstica contra mulher

“Meu pai agredia meu irmão mais velho por acreditar que não era seu filho, depois esse irmão passa a nos agredir; A infância foi difícil, irmão muito agressivo” (ENTREVISTADA 15). Fica evidente ao ouvir o relato das mulheres que compuseram a amostra dessa pesquisa que uma das consequências da violência doméstica é a perpetuação desse fenômeno de geração em geração. Segundo De Antoni, Barone e Koller (2007) a

violência no ambiente familiar é fator de risco para a manutenção da mesma nas gerações futuras.

A minha vida [...] num teve chão; meu avô expulsou de casa (a mãe) né ...aí meu avô eh parece que mandou matar meu pai, aí minha mãe veio fugida, né; a minha mãe teve uma briga com esse rapaz (um relacionamento da mãe), não sei se minha mãe se escondeu ou matou ele, num sei, uma coisa assim; aí minha mãe fugiu pra cá pro Rio de Janeiro... eu era pequena... tive minhas duas irmãs, só que cada uma de um pai diferente... mas minha mãe em si era muito nervosa. Minha mãe faleceu cedo... 37 anos... cada vizinho ficou com uma filha; eu não era feliz ali (na casa da vizinha) porque eles me rejeitavam (ENTREVISTADA 20).

A formação de EIDs pode também estar implicada em fatores de transgeracionalidade, que influenciam de forma direta na maneira como essas pessoas vêem a violência sofrida na fase adulta (PAIM; FALCKE, 2018).

Ao serem perguntadas sobre o histórico familiar de violência doméstica no contexto da relação entre os pais até a terceira geração de mulheres de sua família, os dados encontrados revelam que 75 % das mulheres da amostra disseram sim, sendo que a maioria dos casos, 65%, descreveu a violência sofrida pelas mães.

Tabela 10 – Histórico familiar de violência doméstica até a terceira geração de mulheres de sua família

	Dados (amostra)	f (%)
Avó	5	34,00%
Mãe	13	87,00%
Tia	1	7,00%
Irmã	2	14,00%

Fonte: elaborada pela autora.

Segundo Narvaz e Koller (2004), ao ouvirem mulheres e meninas vítimas de violência intrafamiliar, constataram que o silêncio do abuso sofrido pela mãe no passado só é quebrado após a revelação da violência sofrida pela filha. Há uma repetição de abuso na família, como se fosse não só natural, como esperado, refletindo suas próprias mães que não as protegeram ao guardar o segredo, transferindo às filhas às consequências de se manterem caladas sustentando a perpetuação dessa violência.

A entrevistada 13 relata: “Às vezes chegava bêbado (pai) e batia em mim e na minha mãe”. A entrevistada 10 diz: “agrediu (o pai) minha mãe e minha mãe revidava; um pé de guerra (falando dos pais)”.

A complexidade do fenômeno da violência conjugal é evidenciada pela constituição da dinâmica de interação entre o casal que alimenta e perpetua as características do vínculo violento. A dinâmica da violência conjugal geralmente revela um processo cíclico, relacional e progressivo. (FALCKE *et al.*, 2009, p. 86)

6.3.3 Esquemas Iniciais Desadaptativos

A gênese da formação de EIDs está nas necessidades emocionais básicas não atendidas da criança, ou seja, caso suas relações afetivas na infância não supram minimamente essas necessidades, EIDs respectivos aos seus Domínios Esquemáticos (DEs) serão formados, bem como crenças disfuncionais para explicar a hostilidade ou a falta do meio em que viveu (WAINER *et al.*, 2016, p. 19). Sendo assim, além do questionário de esquemas, ouvir as histórias de vida dessas mulheres através da entrevista ou do convívio no equipamento, serviu como base para compreender os EIDs encontrados na amostra de mulheres, como poderá ser observado a seguir.

Cabe salientar que entre as 20 mulheres que compuseram esta pesquisa apenas 4 não apresentaram, através do Questionário de Esquemas, qualquer EID. Desse modo, é importante esclarecer que algumas pessoas podem usar estratégias evitativas durante o preenchimento do questionário, com isso EIDs que pontuariam mais altos aparecem com pontuações mais baixas (WAINER *et al.*, 2016, p. 93).

Compreendendo o contexto do sofrimento dessas mulheres e o tempo em que a maioria delas esteve em situação de violência, o comportamento de evitar pode ser uma estratégia para não reviver a dor experiência de violência. Abaixo, um trecho do relato da entrevistada 10, que não pontuou nenhum EID no questionário:

Numa das situações de violência ele me levou um dia e trancou no quarto, levou uma mulher para minha casa, ficou com ela na nossa cama, mesmo estando no quarto, eu não podia chorar [...] quando ele voltou me levou pra nossa cama e me obrigou a assistir ao vídeo, “como você não foi boazinha você vai assistir ao vídeo”, ele segurou a minha cabeça, ficou em cima de mim, me obrigando a assistir o vídeo dele com outra mulher, depois me obrigou a ter relação com ele [...] (ENTREVISTADA 10).

A dor pode ser tão grande que adotar um comportamento de segurança como a evitação seja perfeitamente explicável no contexto da pesquisa.

A seguir, a tabela 11 apresenta os EIDs encontrados através do Questionário de Esquemas (YSQ-S3) na amostra de mulheres, a partir da média de corte 4,5.

Tabela 11– Esquemas Iniciais Desadaptativos > ou = a 4.5

EIDs	Dados (amostra)	f (%)
Autossacrifício	8	40%
Desconfiança e Abuso	3	15,00%
Vulnerabilidade	3	15,00%
Inibição	3	15,00%
Negativismo	3	15,00%
Privação Emocional	2	10,00%
Isolamento e Alienação	2	10,00%
Fracasso	2	10,00%
Abandono	1	5,00%
Defectividade e Vergonha	1	5,00%
Emaranhamento	1	5,00%
Grandiosidade	1	5,00%
Subjugação	1	5,00%
Padrões Inflexíveis	1	5,00%

Fonte: elaborada pela autora.

O EID de Autossacrifício apareceu em 40% da amostra. Ao ampliar a média de corte para 4, trazendo uma perspectiva mais qualitativa das respostas, o número de mulheres que apresentam esse esquema subiria de 8 para 11 mulheres, ou seja, mais da metade da amostra.

A literatura aponta que a pessoa que possui o EID de Autossacrifício mantém-se excessivamente focada em atender voluntariamente as necessidades dos outros em situações do dia a dia à custa da própria gratificação. Tal comportamento ocorre pela motivação do sujeito em não querer provocar sofrimento nos outros, evitar culpa de se sentir egoísta, ou se manter conectado com as outras pessoas, as quais percebe como necessitadas (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008, p. 30). A submissão dos próprios desejos para atender as necessidades dos companheiros amplia a vulnerabilidade dessas mulheres a situações de violência doméstica.

Segundo Paim e Cardoso (2019), o EID de Autossacrifício pode corroborar para dificuldade de se posicionar na defesa de seus direitos, tal como na solicitação do atendimento às suas necessidades pessoais, assim não sentindo-se no direito de ter suas necessidades emocionais garantidas, mantendo relacionamentos sem reciprocidade e com pouca intimidade. Pode-se correlacionar esse dado com o tempo de permanência dessas mulheres nas relações violentas. Como observado no capítulo “Dados sociodemográficos e de violência”, mulheres que se resignaram, abriram mão de seus direitos, muitas vezes sentindo-se culpada e sem merecimento de um relacionamento saudável.

Abaixo, na tabela 12, com base em Young, Klosko e Weishaar (2008), os EIDs, encontrados na amostra de mulheres:

Tabela 12 – EIDs encontrados na amostra de mulheres

EIDs	
DESCONFIANÇA E ABUSO	Espera-se que os outros irão sempre machucar, abusar, humilhar, enganar, mentir, manipular ou aproveitar-se.
VULNERABILIDADE	Medo excessivo de que uma catástrofe irá ocorrer a qualquer momento e de que não há como impedir.
INIBIÇÃO EMOCIONAL	Demasiada inibição de ações espontâneas, sentimentos ou comunicação, geralmente para evitar reprovação.
NEGATIVISMO	Foco excessivo nos aspectos negativos da vida, sofrimento, morte, perda, decepção etc.

PRIVAÇÃO EMOCIONAL	Sentimento de que o desejo de ter um grau satisfatório de apoio emocional não será satisfeito adequadamente pelos outros.
ISOLAMENTO SOCIAL E ALIENAÇÃO	sensação de estar isolado do resto do mundo, percepção de si como sendo diferente das outras pessoas, de que não pertence a nenhum grupo ou comunidade
FRACASSO	Fracassou ou fracassará, ou não é tão bom como os demais em relação às suas conquistas.
ABANDONO	Percepção de que os outros de quem a pessoa mais depende, ou com quem mais conta irá abandoná-lo para sempre.
DEFECTIVIDADE E VERGONHA	Sentimento de ser defeituoso, falho, mau, indesejado, inferior ou inválido em aspectos importantes, ou de não merecimento do amor das pessoas que são importantes quando está em contato com elas.
EMARANHAMENTO	Envolvimento emocional e intimidade em excesso com uma ou mais pessoas importantes.
SUBJUGAÇÃO	Submissão excessiva ao controle dos outros.
PADRÕES INFLEXÍVEIS	Crença de que precisa fazer um grande esforço para atingir elevados padrões internalizados de comportamento e desempenho, normalmente para evitar críticas.
GRANDIOSIDADE	Crença de que é superior às outras pessoas.
AUTOSSACRIFÍCIO	Mantém-se excessivamente focada em atender voluntariamente as necessidades dos outros em situações do dia a dia à custa da própria gratificação.

Fonte: Young, Klosko e Weishaar (2008)

Algumas informações sobre a relação entre EIDs e violência conjugal: Paim e Falke (2018), por exemplo, sobre a vitimização da violência, apontam que os esquemas de defectividade/vergonha, tanto em mulheres quanto em homens, e esquema de desconfiança/abuso, em homens, foram percebidos como preditores de violência física sofrida nas relações íntimas, pois apresentam ausência de criticismo e rejeição. O artigo destaca, ainda, que os EIDS de primeiro domínio associam-se à manutenção de relações violentas. Güngör (2015) salienta que EIDs referentes à primeira etapa evolutiva estão relacionados à dificuldade em estabelecer vínculos, o que se torna obstáculo para uma relação assertiva e satisfatória.

Foi preeminente esquemas de primeiro domínio (Desconexão e Rejeição) na amostra de mulheres. Isto posto, entende-se que estes contribuem para atração e manutenção de relações nas quais elas oficialmente não terão suas necessidades emocionais atendidas.

Abaixo a tabela 13, apresenta o resultado do agrupamento dos EIDs por domínios esquemáticos.

Tabela 13 – EIDs por Domínio Esquemático

	Dados (amostra)	f (%)
1° Domínio- Desconexão e Rejeição	9	45,00 %
4° Domínio- Direcionamento para outro	8	40,00 %
5° Domínio- Supervigilância e Inibição	7	35,00 %
2° Domínio- Autonomia e Desempenho Prejudicados	6	30,00 %
3° Domínio- Limites Prejudicados	1	5,00 %

Fonte: elaborada pela autora.

Os EIDs de primeiro domínio (Desconexão e Rejeição) com nota de corte 4.5, perfizeram um total de 45% da amostra. Indivíduos com esquemas no primeiro domínio

frequentemente acreditam que não serão atendidos em suas necessidades básicas de cuidado, proteção, empatia, segurança e estabilidade e são incapazes de formar vínculos seguros e satisfatórios com outras pessoas. Várias dessas pessoas têm infâncias traumáticas e tendem, na vida adulta, a relacionamentos destrutivos (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008, p. 27).

Normalmente, o modelo de família é mais frio, rejeitador, isolador, imprevisível e/ou abusador (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008, p. 27). Nesse aspecto os dados que virão no capítulo sobre violência no contexto da família nuclear e a formação de EIDs revelam um ambiente familiar e relacional de muita violência nas famílias de origens, o que contribui para formação de EIDs nesse domínio. Importante lembrar que os EIDs são formados por experiências sistemáticas com figuras de afeto, de cuidado e tidas como significativas para a criança interagindo com as necessidades básicas emocionais não atendidas em conexão com o temperamento emocional da criança.

40% da amostra de mulheres apresentou EIDs do quarto domínio (direcionamento para o outro). Pessoas com EIDs nesse domínio focam de maneira excessiva em atender as necessidades dos outros em vez dos seus próprios interesses. Importante dizer que isso se dá em função do desejo de obter aprovação, ter conexão emocional e evitar retaliações (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008, p. 33).

Podemos inferir que esquemas identificados no quarto domínio poderiam surgir como estratégia para atender as necessidades dos EIDs do primeiro domínio ativados, ou seja, na busca por cuidado, proteção, segurança, essas mulheres se submetem aos desejos (à violência) de seus maridos. Além disso, a questão cultural/religiosa sobre o papel da mulher no contexto dos relacionamentos amorosos que pode ratificar o lugar de submissão dos próprios desejos, conforme discutido no subtítulo 6.3.2.1.

Indivíduos com EIDs no quarto domínio na relação com outras pessoas, tendem a se concentrar unicamente nas solicitações destas em prejuízo de suas próprias necessidades, por vezes não têm consciência de suas próprias preferências (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008, p. 33). Durante momentos informais com as técnicas e durante a participação no grupo das mulheres, foi frequente ouvir relatos que muitas dessas mulheres vítimas de violência não conseguiam dizer, por exemplo, qual seria sua cor ou até mesmo sua comida favorita, por vestirem ou comerem apenas aquilo que agradasse seus companheiros.

Quando crianças, pessoas com EIDs no quarto domínio não se sentem livres para seguir seus próprios desejos. A criança não tem suas necessidades de respeito às suas aspirações e tendências emocionais atendidas (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008, p. 33). A entrevistada 14, ao falar de seu ambiente familiar nuclear, relata: “[...] criança não tinha voz, não sabia que podia falar, me expressar, aprendi na vida adulta”.

Esquemas do quinto domínio (supervigilância e inibição) foram identificados em 35 % da amostra de mulheres. Pessoas com esse domínio reprimem seus sentimentos e impulsos espontâneos e se dedicam a cumprir rígidas regras que foram internalizadas em relação a seu próprio desempenho à custa de sua própria felicidade, auto-expressão, relaxamento, relacionamento íntimo e boa saúde, além de serem caracterizadas por uma infância muito severa e rígida, na qual o ambiente não validava suas expressões emocionais (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008, p. 33).

O segundo domínio (autonomia e desempenho prejudicados) apareceu em 30% das mulheres. O que diz respeito à competência de afastar-se da própria família e funcionar de maneira independente, como outras pessoas da sua idade (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008, p. 33). Mulheres com EIDs neste domínio têm necessidade de liberdade e incentivo para experimentar, já que provavelmente foram superprotegidas ou não foram cuidadas e não tinha nenhum adulto que as cuidasse. Como resultado, a incompetência de moldar suas próprias identidades e constituir suas próprias vidas, como se permanecessem crianças durante boa parte da vida adulta em relação a suas competências (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008, p. 33).

6.3.4 Inventário de Modos Esquemáticos

Os Modos Esquemáticos são modelos característicos de funcionamento de uma pessoa, ou seja, a maneira como a pessoa se comporta em determinado momento, sobretudo nas relações interpessoais, nas quais há ativação emocional (WAINER *et al.*, 2016, p. 53). Nos relacionamentos íntimos, uma série de reações e respostas desadaptativas (ciclo esquemático) podem provocar uma interação nociva na relação, o que pode inviabilizar a validação e reconhecimento das necessidades emocionais da companheira ou companheiro.

As mulheres da amostra desta pesquisa foram questionadas sobre como normalmente reagem e qual comportamento manifestavam com seus parceiros no momento da violência e

75% disseram apresentar comportamento indicando resignação: “[...] era só chorar, como eu chorava, olho pra mim agora, falam que eu tenho até rugas de tanto que eu já chorei” (ENTREVISTADA 19). A entrevistada 9 relatou: “ eu não reagia, me calei, me anulava”. Já a entrevistada 8 chegou a pensar em suicídio: “aí eu chorava né, que, que, que até dava vontade de se matar”.

No momento da violência existe um perigo real, no qual muitas vezes a resposta comportamental mais adaptativa seja, de fato, resignar. Entretanto, a partir das entrevistas, infere-se que a tendência é esse comportamento mais passivo se estender, como pode ser observado nas falas das entrevistadas a seguir: “Eu ficava mais calada, esperava o pedido de desculpa dele e muitas das vezes eu achava que, sei lá foi porque, porque eu gritei, porque eu que falei alto” (ENTREVISTADA 20). “No início eu reagia, brigava, depois fui ficando passiva, fui ficando sem falar pra não ficar pior”. (ENTREVISTADA 17).

No momento da pesquisa, 90% da amostra de mulheres não estava mais em situação de violência e 95 % esteve ou estava em acompanhamento psicológico no equipamento. Com isso, estavam mais conscientes de suas necessidades e vulnerabilidades e em alguma medida pode-se dizer também que o modelo de relação saudável estabelecido com as técnicas do equipamento foi reparador. O que explica os 45% da amostra no modo Adulto Saudável, um modo muito funcional e adaptativo, no qual elas são capazes de identificar suas próprias necessidades.

A tabela a seguir contém os modos esquemáticos encontrados através do Inventário de Modos na amostra de mulheres, a partir da média de corte 4,5.

Tabela 14 – Modo Esquemático encontrados na amostra de mulheres

Criança	Dados (amostra)	(%)
Feliz	5	25,00 %
Enfrentamento Disfuncional		
Capitulador Complacente	1	5,00%

Autoconfortador Desligado	3	15,00 %
Pais Internalizados		
Pais exigentes	3	15,00 %
Adulto Saudável	9	45,00 %

Fonte: elaborada pela autora.

Foi bastante significativo observar o maior índice no modo adulto saudável. Nesse modo, as mulheres são capazes de buscar relações e atividades mais saudáveis, tendo uma visão mais positiva de si (WAINER *et al.*, 2016, p. 153). A amostra abarcou mulheres que sofreram violência de 2015 a 2021, ou seja, algumas dessas mulheres já não estavam em situação de violência há algum tempo.

Um ponto de atenção foi o percentual baixo, 25%, no modo criança feliz, uma vez que é nesse modo no qual a pessoa sente-se amada, conectada, contente e atendida em suas necessidades (WAINER *et al.*, 2016, p. 55). Esse modo permitiria às mulheres maior sensação de liberdade e maior capacidade de buscar o prazer. Nesse aspecto, talvez o tempo em que estiveram em situação de violência, subjugadas e resignadas ao agressor, pode dificultar a sensação de liberdade.

A mudança de um modo saudável para um modo não adaptativo acontece com a ativação dos EIDs, quando as necessidades emocionais básicas não são atendidas (WAINER *et al.*, 2016, p. 53). Na amostra de mulheres, os modos disfuncionais apresentaram um percentual menos expressivo: 15% modo país exigentes; 15% autoconfortador desligado e 5% capitulador complacente.

Segundo Wainer *et al.* (2016), o modo país exigentes refere-se a uma alta expectativa e nível de comprometimento em relação a si e aos outros; já o modo autoconfortador desligado (protetor auto-aliviador) reprime suas emoções ao se envolver em atividades que de alguma maneira acalmam, estimulam ou distraem os sentidos (MAIA, 2019); O modo de enfrentamento disfuncional Capitulador Complacente (5% da amostra) “age baseado em

obediência e dependência. Tem o propósito de evitar maus-tratos reais” (WAINER *et al.*, 2016, p. 55).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Variáveis como idade, filhos, religião, raça, dependência emocional e financeira podem aumentar a vulnerabilidade da mulher à violência doméstica no contexto das relações amorosas. Assim como a perspectiva de uma sociedade patriarcal e machista, na qual a mulher ainda é vista como inferior ao homem. Sendo assim, reduzir exclusivamente esse tipo de violência a questões referentes ao gênero seria bastante limitante.

A estrutura emocional, cognitiva, histórico-familiar e social nos contextos femininos podem vulnerabilizar ainda mais os comportamentos de uma mulher, explicando o fenômeno da violência, que é tido como complexo e multifatorial. Famílias essencialmente violentas apresentam modelos de relações conjugais disfuncionais e acabam por não atender minimamente algumas das necessidades emocionais básicas de seus filhos e filhas, corroborando para formação de EIDs e a perpetuação da violência nas gerações futuras.

Foi possível observar, nesse trabalho, que EIDs de primeiro domínio (Desconexão e Rejeição) como Abandono, Privação Emocional, Desconfiança e Abuso, Isolamento e Alienação, Defectividade e Vergonha, predominaram na amostra de mulheres, confirmando estudos que associam esses esquemas à manutenção de relações violentas. Na sequência, EIDs de quarto domínio (Direcionamento para outro) como Autossacrifício e subjugação. Nesse caso, pode-se inferir que estes surgem no esforço dessas mulheres de terem suas necessidades emocionais do primeiro domínio atendidas, ou seja, “eu me submeto ao outro para me manter conectada a ele”.

Compreendendo que essas mulheres já não estavam, em sua maioria, na relação com esse agressor, o Modo Adulto Saudável, que é bastante adaptativo, apareceu com maior percentual. O modo Criança Feliz aparece em percentual mais baixo, do que se pode pensar que o tempo em que estiveram em situação de violência subjugadas e resignadas ao agressor poderia dificultar a sensação de liberdade, já que a maioria delas esteve durante muitos anos em uma relação violenta.

Sem dúvida, a pandemia de COVID-19 impôs limitações a este estudo, dificultando a inserção da pesquisadora em campo. Inicialmente, a proposta era três encontros com cada voluntária, que precisou ser reduzido a um. Algumas mulheres relataram dificuldade na compreensão das perguntas do Questionário de Esquemas, sendo necessário o suporte da

pesquisadora para compreensão das mesmas. Outra limitação refere-se aos poucos estudos na temática no Brasil, restringindo a comparação com outras amostras e contextos.

A pesquisa teve como desdobramento, no equipamento, a criação e desenvolvimento de um grupo de estudos que se mantém até os dias atuais, sobre questões que envolvem a violência contra a mulher. Este acontece em periodicidade mensal, durante duas horas. O fato reverbera na possibilidade da construção de conhecimento e conseqüentemente na motivação da prática dessas técnicas. O estudo também colabora para ampliação do conhecimento sobre violência doméstica contra a mulher e serve como referência para novos estudos e para se pensar em ações de intervenções práticas nos Equipamentos de Atendimento a Mulheres Vítimas de Violência Doméstica.

8. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Suely Souza de. **Essa violência mal-dita**. In: ALMEIDA, Suely de S. (Org.). *Violência de gênero e políticas públicas*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2007. Disponível em:
http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/QUESTOES_DE_GENERO_ETNIA_E_GERACAO/VIOLENCIA_DE_GENERO_E_POLITICAS_PUBLICAS.pdf. Acesso: 21 de abril de 2020.
- ARAÚJO, Maria de Fátima. **Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação**. *Psicol. Am. Lat.* n.14 México out. 2008. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870350X2008000300012. Acesso: 17 de abril de 2020.
- BANDEIRA, Lourdes Maria.; **Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação**. *Soc. estado.* vol.29 no.2 Brasília May/Aug. 2014. Disponível em :
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922014000200008. Acesso: 21 de abril de 2020.
- BARBOSA, Thamires Pereira; CORREA, Mikael Almeida; ZIMMER, Marilene e PALUDO, Simone dos Santos. **Domínios Esquemáticos Apresentados por Mulheres em Situação de Violência Conjugal**. *Rev. Psicol. IMED* [online]. 2019. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-50272019000200005&lng=pt&nrm=iso Acesso: 04 de dezembro de 2021.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, 1977.
- BECK, Judith S. **Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática**. 2 ed. Tradução: Sandra Mallmann da Rosa; revisão técnica: Paulo Knapp, Elisabeth Meyer. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- BHATTACHARJEE, Dipanjan *et al.* **Psychoeducation: A measure to strengthen psychiatric treatment**. *Delhi Psychiatric Journal*, v. 14, n. 1, p. 33-39, 2011. Disponível em:
https://www.researchgate.net/profile/Pradeep_Kumar142/publication/256090741_Psychoeducation_A_Measure_to_Strengthen_Psychiatric_Treatment/links/5d3fdf2a299bf1995b56179b/Psychoeducation-A-Measure-to-Strengthen-Psychiatric-Treatment.pdf Acesso: 23 de maio de 2020.
- BOWLBY, John. **Apego e perda**, vol. 2. separação: angústia e raiva (3 ed.). São Paulo, Martins Fontes, 2021.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. **Sancionada lei de combate à violência doméstica durante pandemia**. Disponível em:
<https://www.camara.leg.br/noticias/674399-sancionada-lei-de-combate-a-violencia-domestica-durante-pandemia/> Fonte: Agência Câmara de Notícias. Acesso: 07 de setembro de 2020.
- BRASIL. **Diário Oficial da União. Lei nº 14.022, de 7 de julho de 2020**. Torna essenciais serviços de combate à violência doméstica. Disponível em:

<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.022-de-7-de-julho-de-2020-265632900#:~:text=Art.%201%C2%BA%20Esta%20Lei%20disp%C3%B5e,decorrente%20do%20coronav%C3%ADrus%20respons%C3%A1vel%20pelo>) Acesso: 13 de agosto de 2020.

BRASIL. **Lei Maria da Penha**. Lei n. 11.340/2006. Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Presidência da República, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso: 07 de julho de 2020.

BRONFENBRENNER, Urie. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano**: Experimentos Naturais e Planejados. Porto Alegre, 1996.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogos (os) em programas de atenção à mulher em situação de violência**. Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP, 2012. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/05/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologas.pdf>. Acesso: 08 de setembro de 2020.

DE ANTONI, Clarissa; BARONE, Luciana Rodrigues; KOLLER, Sílvia Helena. **Indicadores de risco e de proteção em famílias fisicamente abusivas**. Psicologia: teoria e Pesquisa, 23:125-132. Brasília, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/pVTTwmLhdKgk49kvyHCtdLN/?lang=pt&format=pdf> Acesso: 15 de novembro de 2021.

DOBSON, Deborah; DOBSON, Keith Stephen. **Começando o tratamento**: habilidades básicas. In: Dobson, D.; Dobson, K.S. A terapia cognitivo comportamental baseada em evidências (pp. 65-75). Porto Alegre: Artmed, 2010.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Nota Técnica Violência Doméstica durante a Pandemia de COVID-19**, 16 de abril de 2020. Fórum Brasileiro de Segurança Pública em parceria com o Decode. Disponível em: <http://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/05/violencia-domestica-covid-19-v3.pdf>. Acesso: 26 de junho de 2020.

FALCKE, Denise; ZAGONEL, Denis de Oliveira; ROSA, Larissa Wolf da; BENTANCUR, Maria. **Violência conjugal**: um fenômeno interacional. Contextos Clínic vol.2 nº 2. São Leopoldo, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822009000200002 Acesso: 15 de novembro de 2021.

GALVANI Giovanna. **Violência doméstica na quarentena**: como se proteger de um abusador? Carta Capital, 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/saude/violencia-domestica-na-quarentena-como-se-proteger-de-um-abusador/> Acesso: 20 de abril de 2020.

GÜNGÖR, Hidayar Cihan. **The Predictive role of early maladaptive schema and attachment styles on romantic relationships**. International Journal of Social Sciences and Education, 2015.

HAACK, Karla Rafaela; PRESSI, Juliana; FALCKE, Denise. **Predictors of Marital Physical Violence: Personal and Relational Characteristics**. Psico-USF, Bragança Paulista, v. 23, n. 2, p. 241-252, abr./jun. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pusf/v23n2/2175-3563-pusf-23-02-241.pdf>. Acesso: 11 de junho de 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo religião**. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107> . Acesso: 10 de novembro de 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA 2019 (FBSP 2019). **ATLAS DA VIOLÊNCIA 2019**. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo, 2019. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf Acesso: 23 de abril de 2020.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. **Tipos de Violência**. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/ciclo-da-violencia.html>. Acesso: 20 de agosto de 2020.

KNAPP, Paulo. **Terapia cognitivo-comportamental na prática psiquiátrica**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CECCONELLO, Alessandra Marques; KOLLER, Sílvia Helena. **Inserção Ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco**. In: KOLLER; PALUDO; MORAES (org.). **Inserção Ecológica: um método de estudo do desenvolvimento humano**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2016.

KOLLER, Silvia Helena; PALUDO, Simone; MORAES, Normanda de Araújo. **Inserção Ecológica: um método de estudo do desenvolvimento humano**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2016.

LUKENS, Ellen P.; MCFARLANE, William R. **Psychoeducation as evidence-based practice: considerations for practice research, and policy**. *Brief Treatment and Crisis Intervention*, 4(3), 205-225. 2004. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2004-19028-002> Acesso: 23 de maio 2020.

MAIA, Adriana Mussi Lenzi. **O trabalho com os modos esquemáticos com casais**. In: PAIM, Kelly; CARDOSO, Bruno Luiz Avelino. **Terapia do Esquemas para Casais: base teórica e intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2019.

MENDES, Adriana Pereira *et al.* **Dossiê mulher 2020**. 15. ed. Rio de Janeiro: Instituto de Segurança Pública, 2020. Disponível em: http://arquivos.proderj.rj.gov.br/isp_imagens/uploads/DossieMulher2020.pdf. Acesso: 24 de agosto de 2021.

MENEGHEL, Stela Nazareth *et al.* **Mulheres cuidando de mulheres: um estudo sobre a Casa de Apoio Viva Maria**, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 16(3):747-757, jul-set, 2000. Disponível em:

http://www.susepe.rs.gov.br/upload/1316797512_Artigo%20-%20C.%20Bruel%20-%20Mulheres%20cuidando%20de%20Mulheres.pdf . Acesso: 15 de abril de 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Viva:** instrutivo de notificação de violência doméstica, sexual e outras violências. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/viva_vigilancia_violencia_acidentes_2011_2012.pdf. Acesso: 26 de julho de 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço.** Brasília, 2001. https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/violencia_intrafamiliar8.pdf. Acesso em 16 de setembro de 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Sobre a doença COVID-19.** Brasília, 2020. Disponível em <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso: 02 de julho de 2020.

MIZUNO, Camila; FRAID, Jaqueline Aparecida; CASSAB, Latif Antonia. **Violência contra a mulher:** Por que elas simplesmente não vão embora? Londrina, 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/3.CamilaMizuno.pdf> . Acesso: 12 de novembro de 2021.

MORAIS, Camila de Aquino; BORBA, Alexandra; KOLLER, Sílvia Helena. **O uso do diário de campo no processo de Inserção Ecológica.** In: KOLLER; PALUDO; MORAES (org.). *Inserção Ecológica: um método de estudo do desenvolvimento humano.* São Paulo, Casa do Psicólogo, 2016.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. **Famílias, gêneros e violências:** Desvelando as tramas da transmissão transgeracional da violência de gênero. In: M.N. STREY; M.P.R. de AZAMBUJA; F. P. JAEGER (eds.), *Violência, gênero e políticas públicas.* Porto Alegre, 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Martha-Narvaz/publication/344077247_FAMILIAS_GENEROS_E_VIOLENCIAS_Desvelando_as_tramas_da_transmissao_transgeracional_da_violencia_de_genero_1/links/5f5134cfa6fdcc9879c98fcc/FAMILIAS-GENEROS-E-VIOLENCIAS-Desvelando-as-tramas-da-transmissao-transgeracional-da-violencia-de-genero-1.pdf . Acesso: 15 de novembro de 2021.

NETTO, Leônidas de Albuquerque *et al.* **Violência contra a mulher e suas consequências.** São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010321002014000500011&script=sci_arttext&tlng=pt#B1. Acesso: 28 de setembro de 2020.

NOGUEIRA, Carlos André *et al.* **A Importância da psicoeducação na terapia cognitivo-comportamental: uma revisão sistemática.** Bahia, 2017. Disponível em: <http://fasb.edu.br/revista/index.php/higia/article/view/190/211> . Acesso: 22 de maio de 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **COVID-19 e a violência contra a mulher: o que o setor / sistema de saúde pode fazer.** 2020. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/331699> . Acesso: 12 de setembro de 2020.

ONU MULHERES. **Diretrizes para atendimento em casos de violência de gênero contra meninas e mulheres em tempos de pandemia da COVID-19.** 2020. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Diretrizes-para-atendimento_ONUMULHERES.pdf . Acesso: 14 de setembro de 2020.

PAIM, Kelly; COPETTI, Maria Eugênia Korndörfer. **Estratégias de avaliação e identificação dos esquemas iniciais desadaptativos.** *In:* WAINER, Ricardo *et al.* Terapia cognitiva focada em esquemas: integração em psicoterapia. Porto Alegre: Artmed, 2016.

PAIM, Kelly; FALCKE, Denise. **The experiences in the family of origin and the early maladaptive schemas as predictors of marital violence in men and women.** 2018.

Disponível em:

<http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312018000300002&lng=pt&nr m=iso> Acesso: 11 de junho de 2020.

PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. **Tramas e dramas de gênero e de cor: a violência doméstica e familiar contra mulheres negras.** Dissertação de Mestrado/UNB. 2013.

Disponível em:

https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13490/1/2013_BrunaCristinaJaquettoPereira.pdf. Acesso: 16 de novembro de 2021.

RANGÉ, Bernard. **Psicoterapias cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria.** 2. Ed – Porto Alegre: Artmed, 2011.

REIS, Aline Henriques; ANDRIOLA, Rossana. **O papel dos Esquemas no relacionamento interpessoal.** *In:* K. Paim, B. L. & Avelino Cardoso (Org). Terapia do esquema para casais: base teórica e intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2019.

RIJO, Daniel. **Apresentação.** *In:* K. Paim, B. L. & Avelino Cardoso (Org). Terapia do esquema para casais: base teórica e intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2019.

RIZZINI, Irene; LIMONGI, Natalia da Silva. **Percepções sobre violência no cotidiano dos jovens.** R. Katál, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 33-42, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/40212/31962>. Acesso: 8 de abril de 2019.

ROMAN, Arlete Regina; FRIEDLANDER, Maria Romana. **Revisão integrativa de pesquisa aplicada à enfermagem.** Cogitare Enferm. 1998 Jul-Dez; 3(2):109-12.

Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/44358/26850>. Acesso: 15 de abril de 2019.

SAGIM, Miriam Botelho. **Violência Doméstica Observada e Vivenciada por crianças e adolescentes no ambiente familiar.** Ribeirão Preto, 2008. Tese de doutorado. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-09092008-141033/pt-br.php>. Acesso: 30 de março de 2019.

SILVEIRA, Raquel da Silva; NARDI, Henrique Caetano; SPINDLER, Giselle. **Articulações entre gênero e raça/cor em situações de violência de gênero.** Psicol. Soc. vol.26 no.2 Belo Horizonte May/Aug. 2014. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000200009&lng=en

&nrm=iso . Acesso: 21 de abril de 2020.

SISTEMA UNIVERSIDADE ABERTA DO SUS (UNA-SUS). **Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo coronavírus.** 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso: 02 de julho de 2020.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. **Revisão integrativa: o que é e como fazer.** Integrative review: what is it? How to do it? Einstein. 2010; 8(1 Pt 1):102-6. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/pt_1679-4508-eins-8-1-0102.pdf. Acesso: 10 de junho de 2020.

SOUZA, Patrícia Alves de; ROS, Marco Aurélio Da. **Os motivos que mantêm as mulheres vítimas de violência no relacionamento violento.** Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFSC, N° 40, P. 509-527, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacf/article/view/17670/16234>. Acesso: 27 de novembro de 2021.

SOUZA, Sandra Duarte. **Violência de gênero e religião: alguns questionamentos que podem orientar a discussão sobre a elaboração de políticas públicas.** 2010. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/5538/4530>. Acesso: 15 de novembro de 2021.

VALENTINI, Felipe; ALCHIERI, João Carlos. **Modelo Clínico de Estilos Parentais de Jeffrey Young: revisão de literatura.** Contexto Clínico, 2 (2) 113-123 – Julho – Dezembro, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822009000200006. Acesso: 15 de abril de 2020.

VIEIRA, Luiza Jane Eyre de Souza *et al.* **Fatores associados à sobreposição de tipos de violência contra a mulher notificada em serviços sentinela.** Rev. Latino-Am. Enfermagem Artigo Original 21(4):[08 telas] jul.-ago. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/L9p8SbJCNbgrCLXtHSWJVJH/?lang=pt&format=pdf> . Acesso: 16 de novembro de 2021.

VILHENA, Valeria Cristina. **Resultados de uma pesquisa: uma análise da violência doméstica entre mulheres evangélicas.** Diversidades, Deslocamentos 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1280156603_ARQUIVO_ValeriaCristinaVilhena.pdf . Acesso: 15 de novembro de 2021.

WAINER, Ricardo *et al.* **Terapia cognitiva focada em esquemas: integração em psicoterapia.** Porto Alegre: Artmed, 2016.

WALKER, Lenore. **The battered woman.** New York: Harper and How, 1979.

YOUNG, Jeffrey E.; KLOSKO, Janet S.; WEISHAAR, Marjorie E. **Terapia do Esquema:**

guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras. Tradução Roberto Cataldo Costa.
Porto Alegre, 2008.

ANEXO 01

QUESTIONÁRIO DE ESQUEMAS DE YOUNG — YSQ — S3

Jeffrey Young, Ph.D.

(Tradução e Adaptação de J. Pinto Gouveia, D. Rijo e M.C.
Salvador, 2005, revista)

Nome _____ Idade _____ Data _____

Estado Civil _____ Grau de Instrução _____ Profissão _____

INSTRUÇÕES: Estão indicadas a seguir algumas afirmações que podemos utilizar quando nos queremos descrever. Por favor, leia cada uma das afirmações e decida até que ponto ela se aplica a si, *ao longo do último ano*. Quando tiver dúvidas, responda baseando-se no que *sente* emocionalmente e não no que pensa ser verdade.

Algumas das afirmações referem-se à sua relação com os seus pais ou companheiro(a). Se alguma destas pessoas faleceu, por favor responda a estas questões com base na relação que tinha anteriormente com elas. Se, actualmente, não tem um(a) companheiro(a) mas teve relacionamentos amorosos no passado, por favor responda com base no seu relacionamento amoroso significativo mais recente.

Para responder até que ponto a afirmação o(a) descreve, utilize a escala de resposta abaixo indicada, escolhendo, de entre as seis respostas possíveis, aquela que melhor se ajusta ao seu caso. Escreva o número da resposta no respectivo espaço em branco.

ESCALA DE RESPOSTA

1 = Completamente falso, isto é, não tem absolutamente nada a ver com o que acontece comigo

2 = Falso na maioria das vezes, isto é, não tem quase nada a ver com o que acontece comigo

3 = Ligeiramente mais verdadeiro do que falso, isto é, tem ligeiramente a ver com o que acontece comigo

4 = Moderadamente verdadeiro, isto é, tem moderadamente a ver com o que acontece comigo

5 = Verdadeiro a maioria das vezes, isto é, tem muito a ver com o que acontece comigo

6 = Descreve-me perfeitamente, isto é, tem tudo a ver com o que acontece comigo

1. _____ Não tenho tido ninguém que cuide de mim, que partilhe comigo a sua vida ou que se preocupe realmente com tudo o que me acontece.

2. Costumo apegar-me demasiado às pessoas que me são mais próximas porque tenho medo que elas me abandonem.
3. Sinto que as pessoas se vão aproveitar de mim.
4. Sou um(a) desajustado(a).
5. Nenhum homem/mulher de quem eu goste pode gostar de mim depois de conhecer os meus defeitos ou fraquezas.
6. Quase nada do que faço no trabalho (ou na escola) é tão bom como o que os outros são capazes de fazer.
7. Não me sinto capaz de me desenvolver sozinho(a) no dia-a-dia.
8. Não consigo deixar de sentir que alguma coisa de mal está para acontecer.
9. Não tenho sido capaz de me separar dos meus pais, tal como fazem as outras pessoas da minha idade.
10. Sinto que, se fizer o que quero, só vou arranjar sarilhos.
11. Sou sempre eu que acabo por tomar conta das pessoas que me são mais chegadas.
12. Sou demasiado controlado(a) para revelar os meus sentimentos positivos aos outros (por ex., afecto, mostrar que me preocupo).
13. Tenho que ser o(a) melhor em quase tudo o que faço; não aceito ficar em segundo lugar.
14. Tenho muita dificuldade em aceitar um "não" por resposta quando quero alguma coisa dos outros.
15. Não sou capaz de me forçar a ter disciplina suficiente para cumprir tarefas rotineiras ou aborrecidas.
16. Ter dinheiro e conhecer pessoas importantes faz-me sentir uma pessoa com valor.
17. Mesmo quando as coisas parecem estar a correr bem, sinto que isso é apenas temporário.
18. Se cometer um erro, mereço ser castigado.

19. _Não tenho pessoas que me dêem carinho, apoio e afecto.
20. _Preciso tanto dos outros que me preocupo com o facto de os poder perder.
21. ____Sinto que tenho sempre que me defender na presença dos outros, senão eles magoar-me-ão intencionalmente.
22. _Sou fundamentalmente diferente dos outros.
23. ____Ninguém que me agrada gostaria de ficar comigo depois de me conhecer tal como eu sou na realidade.
24. ____Sou um(a) incompetente quando se trata de atingir objectivos ou de levar a cabo uma tarefa no trabalho (ou na escola).
25. _Considero-me uma pessoa dependente relativamente ao que tenho que fazer no dia-a-dia.
26. ____Sinto que uma desgraça (natural, criminal, financeira ou médica) pode atingir-me a qualquer momento.
27. ____Eu e os meus pais temos tendência a envolvermo-nos demasiado na vida e nos problemas uns dos outros.
28. ____Sinto que não tenho outro remédio senão ceder à vontade dos outros, caso contrário, eles irão retaliar, zangar-se ou rejeitar-me de alguma maneira.
29. _Sou uma boa pessoa porque penso mais nos outros do que em mim.
30. _Considero embaraçoso exprimir os meus sentimentos aos outros.
31. ____Esforço-me por fazer o melhor; não me contento com ser suficientemente bom.
32. _Sou especial e não devia ser obrigado(a) a aceitar muitas das restrições ou limitações que são impostas aos outros.

33. ___Se não consigo atingir um objectivo, fico facilmente frustrado(a) e desisto.
34. _Aquilo que consigo alcançar tem mais valor para mim se for algo em que os outros reparem.
35. _Se algo de bom acontecer, preocupa-me que esteja para acontecer algo de mau a seguir.
36. _Se não me esforçar ao máximo, é de esperar que as coisas corram mal.
37. _Tenho sentido que não sou uma pessoa especial para ninguém.
38. _Preocupa-me que as pessoas a que estou ligado(a) me deixem ou me abandonem.
39. _Mais tarde ou mais cedo, acabarei por ser traído(a) por alguém.
40. _Sinto que não pertença a grupo nenhum; sou um solitário.
41. _Não tenho valor suficiente para merecer o amor, a atenção e o respeito dos outros.
42. ___A maioria das pessoas tem mais capacidades do que eu no que diz respeito ao trabalho (ou à escola).
43. _Tenho falta de bom senso.
44. _Preocupa-me poder ser fisicamente agredido por alguém.
45. ___É muito difícil, para mim e para os meus pais, termos segredos íntimos que não contamos uns aos outros, sem nos sentirmos traídos ou culpados por isso.
46. _Nas minhas relações com os outros deixo que eles me dominem.
47. _____Estou tão ocupado(a) a fazer coisas para as pessoas de quem gosto que tenho pouco tempo para mim.
48. _Para mim é difícil ser caloroso(a) e espontâneo(a) com os outros.
49. _Devo de estar à altura de todas as minhas responsabilidades e funções.
50. _Detesto ser reprimido(a) ou impedido(a) de fazer o que quero.
51. ___Tenho muita dificuldade em abdicar de uma recompensa ou prazer imediato, a favor de um objectivo a longo prazo.
52. _Sinto-me pouco importante, a não ser que receba muita atenção dos outros.

53. _Todo o cuidado é pouco; quase sempre alguma coisa corre mal.
54. _Se não fizer bem o que me compete, mereço sofrer as consequências.
55. ___ Não tenho tido ninguém que me ouça atentamente, que me compreenda ou que perceba os meus verdadeiros sentimentos e necessidades.
56. Quando sinto que alguém de quem eu gosto se está a afastar de mim, sinto-me desesperado.
57. _Sou bastante desconfiado quanto às intenções das outras pessoas.
58. _Sinto-me afastado(a) ou desligado dos outros.
59. _Sinto que nunca poderei ser amado por alguém.
60. _Não sou tão talentoso(a) no trabalho como a maioria das pessoas.
61. _Não se pode confiar no meu julgamento em situações do dia-a-dia.
62. _Preocupa-me poder perder todo o dinheiro que tenho e ficar muito pobre ou na miséria.
63. ___ Sinto frequentemente que é como se os meus pais vivessem através de mim — não tenho uma vida própria.
64. ___ Sempre deixei que os outros escolhessem por mim; por isso, não sei realmente aquilo que quero para mim.
65. _Tenho sido sempre eu quem ouve os problemas dos outros.
66. ___ Controlo-me tanto que as pessoas pensam que não tenho sentimentos ou que tenho um coração de pedra.
67. _Sinto sobre mim uma pressão constante para fazer coisas e atingir objectivos.
68. ___ Sinto que não devia ter que seguir as regras e convenções habituais que as outras pessoas têm que seguir.
69. ___ Não me consigo obrigar a fazer coisas de que não gosto, mesmo quando sei que é para o meu bem.
70. ___ Quando faço uma intervenção numa reunião ou quando sou apresentado a alguém num grupo, é importante para mim obter reconhecimento e admiração.
71. _Por muito que trabalhe, preocupa-me poder ficar na miséria e perder quase tudo o que

posso.

72. ___ Não interessa porque é que cometi um erro; quando faço algo errado, há que pagar as consequências.
73. ___ Não tenho tido uma pessoa forte ou sensata para me dar bons conselhos e me dizer o que fazer quando não tenho a certeza da atitude que devo tomar.
74. ___ Por vezes, a preocupação que tenho com o facto de as pessoas me poderem deixar é tão grande, que acabo por as afastar.
75. ___ Estou habitualmente à procura de segundas intenções ou do verdadeiro motivo por detrás do comportamento dos outros.
76. _ Em grupo, sinto sempre que estou de fora.
77. ___ Sou demasiado inaceitável para me poder mostrar tal como sou às outras pessoas ou para deixar que me conheçam bem.
78. ___ No que diz respeito ao trabalho (ou à escola) não sou tão inteligente como a maior parte das pessoas.
79. _ Não tenho confiança nas minhas capacidades para resolver problemas que surjam no dia-a-dia.
80. ___ Preocupa-me poder estar a desenvolver uma doença grave, ainda que não tenha sido diagnosticado nada de grave pelo médico.
81. ___ Sinto frequentemente que não tenho uma identidade separada da dos meus pais ou companheiro(a).
82. ___ Tenho imenso trabalho para conseguir que os meus sentimentos sejam tidos em consideração e os meus direitos sejam respeitados.
83. _ As outras pessoas consideram que faço muito pelos outros e não faço o suficiente por mim.
84. _ As pessoas acham que tenho dificuldade em exprimir o que sinto.
85. _ Não posso descuidar as minhas obrigações de forma leviana, nem desculpar-me pelos meus erros
86. _ Sinto que o que tenho para oferecer tem mais valor do que aquilo que os outros têm para dar.

87. _Raramente tenho sido capaz de levar as minhas decisões até ao fim.
88. _Receber muitos elogios dos outros faz-me sentir uma pessoa que tem valor.
89. _Preocupa-me que uma decisão errada possa provocar uma catástrofe.
90. _Sou uma pessoa má que merece ser castigada.

ANEXO 02
INVENTÁRIO DE MODOS ESQUEMÁTICOS (SMI 1.1)

Jeffrey Young, Ph.D.

(Tradução e adaptação oficial para uso no Brasil por Elisa Steinhorst Damasceno, Lauren Heineck de Souza e Margareth da Silva Oliveira. Autorização exclusiva do Schema Therapy Institute.)

Nome:	Data:
-------	-------

Instruções

Este questionário possui afirmações que as pessoas podem usar para descrever a si mesmas. Baseando-se na escala de frequência abaixo, avalie cada item escolhendo o número, entre 1 e 6, que melhor descreve a frequência com que você sente que cada afirmação se aplica a você; então escreva o número à esquerda de cada afirmação. Ao responder cada questão, pergunte a si mesmo: "Em geral, com que frequência esta frase se aplica a mim?"

- 1 – Nunca ou quase nunca
- 2 – Raramente
 - Ocasionalmente
 - Frequentemente
 - Na maior parte do tempo
 - O tempo todo

Em geral, com que frequência você...	
1	Eu exijo respeito ao não permitir que os outros me intimidem ou mandem em mim.
2	Eu me sinto amado e aceito.
3	Eu não me permito sentir prazer, pois não mereço.
4	Eu me sinto fundamentalmente inadequado, falho ou defeituoso.
5	Eu tenho impulsos de me punir, me machucando (p. ex., me cortando).
6	Eu me sinto perdido.
7	Eu sou duro comigo mesmo.
8	Eu me esforço muito para agradar outras pessoas; assim, evito conflitos, confrontos ou rejeição.
9	Eu não consigo me perdoar.
1	Eu faço coisas para que eu me torne o centro das atenções.

0

1

Eu fico irritado quando as pessoas não fazem o que eu peço.

1

– Nunca ou quase
nunca
– Raramente
– Ocasionalmente

– Frequentemente
– Na maior parte do
tempo 6 – O tempo todo

Em geral, com que frequência você...

1

Eu tenho dificuldade de controlar meus impulsos.

2

1

Se eu não consigo atingir um objetivo, me frustro facilmente e desisto.

3

1

Eu tenho acessos de raiva.

4

1

Eu ajo de forma impulsiva ou expresso emoções que magoam os outros ou me causam problemas.

5

1

Quando algo ruim acontece, a culpa é minha.

6

1

Eu me sinto contente e tranquilo.

7

1

Eu mudo o meu jeito de ser dependendo de quem esteja comigo, assim essas pessoas gostarão de mim ou me aprovarão.

8

1

Eu me sinto conectado às outras pessoas.

9

2

Quando ocorrem problemas, me esforço bastante para resolvê-los eu mesmo.

0

2

Eu não me disciplino para concluir tarefas chatas ou rotineiras.

1

2

Se eu não brigar, as pessoas se aproveitarão de mim ou me ignorarão.

2

2

Eu preciso cuidar das pessoas à minha volta.

3

2

Se você permitir que as outras pessoas façam piadas ou mexam com você, você é um trouxa.

4

2

Eu agrido as pessoas fisicamente quando estou com raiva delas.

5

2

Quando eu começo a ficar bravo, muitas vezes não consigo controlar a raiva e perco a cabeça.

6

2

Para mim, é importante ser o número 1 (p. ex., o mais popular, o mais bem-sucedido, o mais rico, o mais poderoso).

7

- 2 Eu me sinto indiferente em relação à maioria das coisas.
- 8
- 2 Eu consigo resolver problemas racionalmente, sem deixar que as minhas emoções tomem conta de mim.
- 9

– Nunca ou quase nunca
 – Raramente
 – Ocasionalmente

– Frequentemente
 – Na maior parte do tempo
 6 – O tempo todo

Em geral, com que frequência você...

- 3 É ridículo planejar como você lidará com as situações.
- 0
- 3 Eu não me contentarei em ficar em segundo lugar.
- 1
- 3 Atacar é a melhor defesa.
- 2
- 3 Eu me sinto frio e emocionalmente afastado das pessoas.
- 3
- 3 Eu me sinto desconectado (sem contato comigo mesmo, minhas emoções e com as outras pessoas).
- 4
- 3 Eu sigo as minhas emoções cegamente.
- 5
- 3 Eu me sinto desesperado.
- 6
- 3 Eu permito que outras pessoas me critiquem ou me coloquem para baixo.
- 7
- 3 Nas relações, eu deixo a outra pessoa tomar as decisões.
- 8
- 3 Eu me sinto distante das outras pessoas.
- 9
- 4 Eu não penso antes de falar, isso me traz problemas ou machuca as outras pessoas.
- 0
- 4 Eu trabalho ou pratico exercícios físicos intensamente para que não precise pensar sobre as coisas que me incomodam.
- 1
- 4 Eu estou bravo porque as pessoas estão tentando tirar a minha liberdade ou independência.
- 2
- 4 Eu não sinto nada.
- 3
- 4 Eu faço o que eu quero fazer, independentemente dos sentimentos e necessidades dos outros.
- 4

4	Eu não me permito relaxar ou me divertir até que tenha terminado tudo o que eu deveria fazer.
5	
4	Eu joga coisas (longe, no chão, na parede, etc.) quando estou com raiva.
6	
4	Eu sinto raiva das outras pessoas.
7	

– Nunca ou quase nunca
– Raramente
– Ocasionalmente

– Frequentemente
– Na maior parte do tempo 6 – O tempo todo

Em geral, com que frequência você...

4	Eu me sinto aceito pelas outras pessoas.
8	
4	Eu tenho tanta raiva acumulada dentro de mim que preciso extravasá-la.
9	
5	Eu me sinto só.
0	
5	Eu tento dar o meu melhor em tudo.
1	
5	Eu gosto de fazer coisas animadas ou relaxantes para evitar meus sentimentos (p. ex., trabalhar, apostar, comer, fazer compras, atividade sexual, assistir TV).
2	
5	Igualdade não existe, então é melhor ser superior aos outros.
3	
5	Quando fico bravo, eu frequentemente perco o controle e ameaço as pessoas.
4	
5	Em vez de expressar as minhas próprias necessidades, eu deixo que as pessoas façam as coisas do jeito que preferem.
5	
5	Se uma pessoa não concorda comigo, ela está contra mim.
6	
5	Eu me esforço para estar sempre ocupado; assim, meus pensamentos e sentimentos incômodos me perturbam menos.
7	
5	Quando eu sinto raiva dos outros, me considero uma pessoa má.
8	
5	Eu não quero me envolver com as pessoas.
9	
6	Eu sinto tanta raiva que já cheguei a machucar ou matar alguém.
0	

6	Eu sinto que tenho bastante estabilidade e segurança na minha vida.
1	
6	Eu sei quando expressar as minhas emoções e quando não as expressar.
2	
6	Eu sinto raiva de uma pessoa por ela ter me deixado só ou me abandonado.
3	
6	Eu não me sinto conectado às outras pessoas.
4	
6	Eu não consigo me disciplinar para fazer coisas que acho desagradáveis, mesmo que eu saiba que são para o meu próprio bem.
5	

<ul style="list-style-type: none"> – Nunca ou quase nunca – Raramente – Ocasionalmente 	<ul style="list-style-type: none"> – Frequentemente – Na maior parte do tempo 6 – O tempo todo
---	---

Em geral, com que frequência você...

6	Eu desrespeito as regras e depois me arrependo.
6	
6	Eu me sinto humilhado.
7	
6	Eu confio na maioria das pessoas.
8	
6	Primeiro eu ajo, depois eu penso.
9	
7	Eu me entedio facilmente e perco o interesse nas coisas.
0	
7	Mesmo com pessoas à minha volta, eu me sinto sozinho.
1	
7	Eu não me permito fazer coisas agradáveis que as outras pessoas fazem, pois sou uma pessoa má.
2	
7	Eu expesso ou comunico o que necessito sem passar dos limites (p. ex., sem exigir demais dos outros).
3	
7	Eu me sinto especial e melhor do que a maioria das outras pessoas.
4	
7	Eu não me importo com nada; nada faz diferença para mim.
5	
7	Eu fico bravo quando alguém me diz como devo me sentir ou me comportar.
6	
7	Se você não dominar os outros, eles dominarão você.
7	
7	Eu digo o que sinto, ou ajo impulsivamente, sem pensar nas consequências.
8	

7	Eu sinto vontade de gritar/brigar com as pessoas pelo jeito como elas me tratam.
9	
8	Eu sou capaz de cuidar de mim mesmo.
0	
8	Eu sou bastante crítico em relação aos outros.
1	
8	Eu estou sob pressão constante para atingir objetivos e dar conta das coisas.
2	
8	Eu estou tentando não cometer erros; caso contrário, irei me criticar fortemente.
3	

<ul style="list-style-type: none"> - Nunca ou quase nunca - Raramente - Ocasionalmente 	<ul style="list-style-type: none"> - Frequentemente - Na maior parte do tempo 6 - O tempo todo
---	---

Em geral, com que frequência você...	
8	Eu mereço ser punido.
4	
8	Eu posso aprender, crescer e mudar.
5	
8	Eu quero me distrair dos pensamentos e sentimentos que possam me deixar chateado.
6	
8	Eu estou com raiva de mim mesmo.
7	
8	Eu me sinto indiferente e apático.
8	
8	Eu preciso ser o melhor em tudo que faço.
9	
9	Eu sacrifico prazer, saúde e felicidade para satisfazer meus próprios padrões de exigência.
0	
9	Eu exijo bastante das outras pessoas.
1	
9	Se eu fico com raiva, às vezes fico tão fora do controle que agrido fisicamente ou prejudico outras pessoas.
2	
9	Eu sou inabalável.
3	
9	Eu sou uma pessoa má.
4	
9	Eu me sinto seguro.
5	

9	Eu me sinto ouvido, compreendido, acolhido e aceito.
6	
9	Para mim, é impossível controlar meus impulsos.
7	
9	Eu destruo coisas quando estou com raiva.
8	
9	Se você dominar as outras pessoas, nada poderá acontecer com você.
9	
1	Eu ajo de forma passiva mesmo quando não gosto do jeito que as coisas estão.
0	
0	
1	A minha raiva sai do controle.
0	
1	

– Nunca ou quase nunca
– Raramente
– Ocasionalmente

– Frequentemente
– Na maior parte do tempo 6 – O tempo todo

Em geral, com que frequência você...

1	Eu zombo ou intimido outras pessoas.
0	
2	
1	Eu sinto vontade de agredir verbal ou fisicamente alguém pelo que essa pessoa fez para mim.
0	
3	
1	Eu sei que há uma forma “certa” e uma “errada” de fazer as coisas. Eu me esforço para fazer as coisas do jeito certo; caso contrário, eu começo a me criticar.
0	
4	
1	Eu frequentemente me sinto sozinho no mundo.
0	
5	
1	Eu me sinto fraco e sem saída.
0	
6	
1	Eu sou preguiçoso.
0	
7	
1	Eu posso suportar qualquer coisa que venha das pessoas que são importantes para mim.
0	
8	

1	Eu fui traído ou tratado de forma injusta.
0	
9	
1	Se eu sinto o impulso de fazer alguma coisa, vou e faço.
1	
0	
1	Eu me sinto deixado de lado ou excluído.
1	
1	
1	Eu diminuo ou menosprezo os outros.
1	
2	
1	Eu me sinto otimista.
1	
3	
1	Eu sinto que não deveria ter que seguir as mesmas regras que as outras pessoas seguem.
1	
4	
1	Neste momento, minha vida se resume a iniciar e concluir tarefas do jeito certo.
1	
5	
1	Eu me cobro para ser mais responsável do que a maioria das outras pessoas.
1	
6	
1	Eu consigo me defender de forma adequada quando me sinto criticado injustamente, maltratado ou quando sinto que tiraram vantagem de mim.
1	
7	
1	Eu não mereço pena, ou que os outros sejam compreensivos comigo quando algo de ruim me acontece.
1	
8	
1	Eu sinto que ninguém me ama.
1	
9	

<ul style="list-style-type: none"> – Nunca ou quase nunca – Raramente – Ocasionalmente 	<ul style="list-style-type: none"> – Frequentemente – Na maior parte do tempo 6 – O tempo todo
---	---

Em geral, com que frequência você...

1	Eu sinto que sou uma pessoa fundamentalmente boa.
2	
0	
1	Quando necessário, eu concluo tarefas chatas e rotineiras para que eu conquiste aquilo que eu valorizo.
2	
1	
1	Eu me sinto espontâneo e divertido.
2	
2	
1	Às vezes eu fico com tanta raiva que sinto que seria capaz de matar alguém.
2	
3	
1	Eu tenho uma boa noção de quem sou e do que preciso para me deixar feliz.
2	
4	

© 2014 Young, J., Amtz, A., Atkinson, T., Lobbestael, J., Weishaar, M. van Vreeswijk, M and Klokman J.

A reprodução ou tradução sem autorização por escrito do autor são proibidas. A pequena marca d'agua é a garantia de que você está utilizando uma versão autorizada deste inventário. Contato postal: Nos **Estados Unidos** - Schema Therapy Institute, 561 10TH Ave., Ste. 43D, New York, NY 10036. E-mail: institute@schematherapy.com / No **Brasil** – Grupo de Avaliação e Atendimento em Psicoterapias Cognitivas e Comportamentais, coordenado pela pesquisadora Dra. Margareth da Silva Oliveira - Av. Ipiranga, 6681, prédio 11, sala 941, Partenon, 90619-900 - Porto Alegre - RS. E-mail: gaapcc.esquemas@gmail.com

A versão em inglês é equivalente ao SMI 1.0 Holandês. Para a versão Holandesa escreva: J. Lobbestael, Clinical Psychological Science, PO Box 616, 6200 MD, Maastricht, the Netherlands. Email

APÊNDICE A



Roteiro de Entrevista para Identificação dos Esquemas Iniciais Desadaptativos e Modos Esquemáticos em Mulheres em vítimas de Violência

Data da entrevista: _____

Preenchido por: _____

DADOS PESSOAIS:

Nome da voluntária: _____

Idade: _____

Tem filhos? Se sim, quantos? _____ Idade(s)? _____

Religião: _____

Grau de escolaridade: _____

Estado civil: () Solteira () casada () divorciada () outro: _____

Profissão: _____

Cidade em que reside: _____

1 – Fale sobre o ambiente familiar na sua família de origem durante sua infância.

2 - O que você compreende por violência doméstica?

3- Já sofreu violência doméstica? () SIM () NÃO

Como?

4- Como você reagiu no(s) momento(s) em que sofreu a violência doméstica?

5- Atualmente está em uma relação violenta?

6 - Qual é sua maior dificuldade para romper com um relacionamento violento?

7- Poderia dizer de um a três sentimentos que descreveriam como você se sente (ou se sentiu) na maior parte do tempo em que esteve em um relacionamento violento?

8- Sofreu violência no período de não pandemia?

Não Sim

9- Sofreu violência no período de pandemia por COVID-19?

Não Sim

10- Me diga se você possui uma rede de pessoas em que possa confiar ou solicitar ajuda quando sofreu ou sofre violência.

11 – Qual o tipo de violência doméstica sofrida? (Fonte: Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 – Lei Maria da Penha)

- () Violência Física – Entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal.
- () Violência Psicológica – Entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo a saúde psicológica e à autodeterminação.
- () Violência sexual – Entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar, ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos.
- () Violência Patrimonial – Entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades.
- () Violência Moral – Entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

11- Há histórico familiar de violência doméstica até a terceira geração de mulheres de sua família?

() SIM () NÃO

12 - Se sim, qual geração e o tipo de violência?

-
- () Violência Física – Entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal.
 - () Violência Psicológica – Entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo a saúde psicológica e à autodeterminação.
 - () Violência sexual – Entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar, ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição,

mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos.

() Violência Patrimonial – Entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades.

() Violência Moral – Entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

APÊNDICE B



CARTA DE ANUÊNCIA DA COORDENAÇÃO/DIREÇÃO DO SERVIÇO

Aceito a pesquisadora Carolina Miranda Backx Toledo, aluna do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, a desenvolver, nesta entidade, a pesquisa intitulada “Esquemas Iniciais Desadaptativos e Modos Esquemáticos em Mulheres Vítimas de Violência doméstica” sob orientação da Prof^a. Dr^a. Ana Cláudia de Azevedo Peixoto, do Departamento de Psicologia (PPGPSI/UFRRJ).

Ciente dos objetivos e da metodologia da pesquisa acima citada concedo a anuência para seu desenvolvimento, desde que me sejam assegurados os requisitos abaixo:

- O cumprimento das determinações éticas da Resolução nº466/2012 CNS/CONEP.
- A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa.
- Não haverá nenhuma despesa para esta instituição que seja decorrente da participação dessa pesquisa.
- No caso do não cumprimento dos itens acima, a liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

Local

Data

(Carimbo e assinatura)

APÊNDICE C



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

- 1- Você está sendo convidada a participar da pesquisa intitulada “Esquemas Iniciais Desadaptativos e Modos Esquemáticos em Mulheres vítimas de violência”. A presente pesquisa é vinculada ao Projeto de Dissertação apresentado ao programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
- 2- Nesta pesquisa pretende-se pesquisar o fenômeno da Violência Doméstica contra a mulher. Como este tipo de violência ocorre com frequência em contexto dos relacionamentos amorosos, optou-se por estudá-lo a partir da perspectiva dos conceitos de Esquemas Iniciais Desadaptativos e os Modos Esquemáticos, referenciados na Teoria do Esquema de Jeffrey E. Young.
- 3- A pesquisa acontecerá em três encontros no CIAM (Centro Integrado de Atendimento à Mulher) da cidade de Nova Iguaçu, localizado na Rua Terezinha Pinto, 297, Centro – Nova Iguaçu/RJ. No primeiro você receberá todas as informações sobre a pesquisa, fará a leitura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido, esclarecerá todas as suas dúvidas e se estiver de acordo assinará o documento. Após a assinatura do Termo, você passará por uma entrevista com a pesquisadora. No segundo encontro, após as devidas orientações, você preencherá um Questionário de Esquemas. No último e terceiro encontro, você preencherá o Inventários de Modos esquemáticos e será feito o fechamento da pesquisa. Você não terá nenhum custo, nem receberá nenhuma vantagem financeira pela participação na pesquisa.
- 4- Você será esclarecida em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Você poderá interromper sua participação a qualquer momento. Sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendida pela pesquisadora. Você não será identificada em nenhuma publicação. Os riscos que envolvem a pesquisa consistem em riscos mínimos, como por exemplo, sentir um desconforto em falar da sua experiência com a violência doméstica. Como benefícios, a pesquisa contribuirá

com futuros projetos de intervenção para prevenção e combate a violência doméstica contra mulheres.

- 5- Este termo de assentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida a você. A pesquisa tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução N466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____

Declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Afirmo que fui informada dos objetivos da pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Estou ciente que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e/ ou interromper minha participação se assim desejar. Recebi o termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Pesquisadora Responsável: Carolina Miranda Backx Toledo, contato e-mail: carolinabackx@gmail.com, telefone (21) 998947898.

Caso tenha dificuldade em entrar em contato com a pesquisadora responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UFRRJ: Rodovia BR 465, Km 07, s/n Zona Rural, Seropédica RJ – CEP 23.890-000, e, Carolina Miranda Backx Toledo.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 20____

Assinatura da Voluntária

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE D



TERMO DE COMPROMISSO E CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: ESQUEMAS INICIAIS DESADAPTATIVOS E MODOS ESQUEMÁTICOS EM MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Pesquisador responsável: Carolina Miranda Backx Toledo

Instituição/Departamento de origem do pesquisador: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Telefone para contato: 021 99894 7898

E-mail: carolinabackx@gmail.com

O pesquisador do projeto supramencionado assume o compromisso de:

- Garantir que a pesquisa só será iniciada após a avaliação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFRPE e que os dados coletados serão armazenados pelo período mínimo de 05 anos após o término da pesquisa;
- Preservar o sigilo e a privacidade dos voluntários cujos dados serão estudados e divulgados apenas em eventos ou publicações científicas, de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificá-los;
- Garantir o sigilo relativo às propriedades intelectuais e patentes industriais, além do devido respeito à dignidade humana;
- Garantir que os benefícios resultantes do projeto retornem aos participantes da pesquisa, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa;
- Assegurar que os resultados da pesquisa serão anexados na Plataforma Brasil, sob a forma de Relatório Final da pesquisa;

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2020

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE E



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGPSI

AUTORIZAÇÃO DE USO DE ARQUIVOS/DADOS DE PESQUISA

Declaramos para os devidos fins, que cederemos ao/à pesquisador/a Carolina Miranda Backx Toledo, o acesso aos arquivos de (**prontuários / de base de dados de pesquisa / etc.**) para serem utilizados na pesquisa: **Esquemas Iniciais Desadaptativos e Modos Esquemáticos em Mulheres Vítimas de Violência Doméstica** que está sob a orientação do/a Prof/a. Ana Cláudia de Azevedo Peixoto.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do (a) pesquisador (a) aos requisitos das Resoluções do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, comprometendo-se o(a) mesmo(a) a utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados o/a pesquisador/a deverá apresentar o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Nome/assinatura e carimbo do responsável pela Instituição ou pessoa por ele delegada



UNIVERSIDADE IGUAÇU -
UNIG



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ESQUEMAS INICIAIS DESADAPTATIVOS E MODOS ESQUEMÁTICOS EM MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Pesquisador: Carolina Miranda Backx Toledo

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 42828621.1.0000.8044

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.590.994

Apresentação do Projeto:

ESQUEMAS INICIAIS DESADAPTATIVOS E MODOS ESQUEMÁTICOS EM MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Objetivo da Pesquisa:

GERAL

Compreender e identificar Esquemas Iniciais Desadaptativos e Modos Esquemáticos em mulheres vítimas de violência doméstica.

ESPECÍFICOS

Conceituar violência doméstica e compreendê-la no contexto de não pandemia e de pandemia por COVID 19;

Levantar através da Revisão Integrativa da literatura estudos existentes sobre a temática no Brasil;

Investigar histórico e tipos de violência doméstica mais predominante na amostra de mulheres no período de não pandemia e pandemia;

Entender de que modo e em que medida Esquemas Iniciais Desadaptativos, Modos Esquemáticos e violência doméstica se relacionam com as participantes da pesquisa.

Endereço: Av. Abílio Augusto Távora, nº 2134 - Jardim Nova Era

Bairro: JARDIM NOVA ERA

CEP: 26.275-580

UF: RJ

Município: NOVA IGUAÇU

Telefone: (21)2765-4005

E-mail: cep@campus1.unig.br; cepunigcampus1@gmail.



UNIVERSIDADE IGUAÇU -
UNIG



Continuação do Parecer: 4.590.994

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos que envolvem a pesquisa consistem em riscos mínimos, como por exemplo, sentir um desconforto em falar da sua experiência com a violência doméstica. Como benefícios, a pesquisa contribuirá com futuros projetos de intervenção para prevenção e combate a violência doméstica contra mulheres.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa com evidente relevância Científica e Acadêmica.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados de modo adequado e em consonância com os padrões metodológicos.

Recomendações:

Embora os pesquisadores não relatem haver riscos evidentes, cabe a este CEP, clarificar que, em toda pesquisa realizadas com seres humanos existem riscos. Solicitamos que os pesquisadores se atendem a estes, como por exemplo, a possibilidade de perda do anonimato.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências éticas que justifiquem a recusa do trabalho.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1683964.pdf	28/01/2021 10:07:38		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE DISSERTAÇÃO ESQUEMAS INICIAIS DESADAPTATIVOS E MODOS ESQUEMATICOS EM MULHERES VITIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.pdf	28/01/2021 10:05:57	Carolina Miranda Backx Toledo	Aceito
Cronograma	Cronograma_Atualizado.pdf	28/01/2021 10:04:17	Carolina Miranda Backx Toledo	Aceito
Outros	Carta_de_Anuencia.pdf	28/01/2021 10:04:03	Carolina Miranda Backx Toledo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_ESCLARECIDO.docx	07/01/2021 13:56:58	Carolina Miranda Backx Toledo	Aceito

Endereço: Av. Abílio Augusto Távora, nº 2134 - Jardim Nova Era

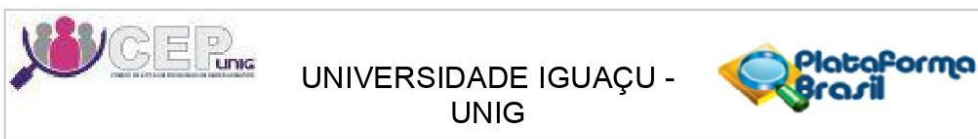
Bairro: JARDIM NOVA ERA **CEP:** 26.275-580

UF: RJ **Município:** NOVA IGUAÇU

Telefone: (21)2765-4005

E-mail: cep@campus1.unig.br; cepunigcampus1@gmail.

Página 02 de 03



Continuação do Parecer: 4.590.994

Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVR E_ESCLARECIDO.docx	07/01/2021 13:56:58	Carolina Miranda Backx Toledo	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	07/01/2021 13:49:38	Carolina Miranda Backx Toledo	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

NOVA IGUAÇU, 15 de Março de 2021

Assinado por:
José Claudio Provenzano
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Abílio Augusto Távora, nº 2134 - Jardim Nova Era
Bairro: JARDIM NOVA ERA **CEP:** 26.275-580
UF: RJ **Município:** NOVA IGUAÇU
Telefone: (21)2765-4005 **E-mail:** cep@campus1.unig.br; cepunigcampus1@gmail.